



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

TÍTULO | Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora. Proposta Arquitetónica.

Nome do Mestrando | Rita Vieira Ribeiro

Orientação | Professor Dr. João Barros Matos

Mestrado Integrado em Arquitetura

Área de Especialização | Arquitetura

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

TÍTULO | Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora. Proposta Arquitetónica.

Nome do Mestrando | Rita Vieira Ribeiro

Orientação | Professor Dr. João Barros Matos

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

Évora, 2018

**ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA, EM ÉVORA.
PROPOSTA ARQUITETÓNICA.**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura - 2018

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Trabalho realizado por: Rita Vieira Ribeiro . 27948



Sob orientação do Professor Doutor João Barros Matos

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e em muito especial ao meu irmão, pelo apoio incondicional, incentivo e carinho que demonstram em todas as etapas da minha vida.

Ao meu orientador, Professor Doutor João Matos, pelo conhecimento transmitido, pelas boas conversas e pelo bom desenvolvimento do trabalho.

Ao Silvano por estar sempre presente.

Aos meus amigos e em muito especial à Sofia, por me apoiar sempre.

Muito Obrigado

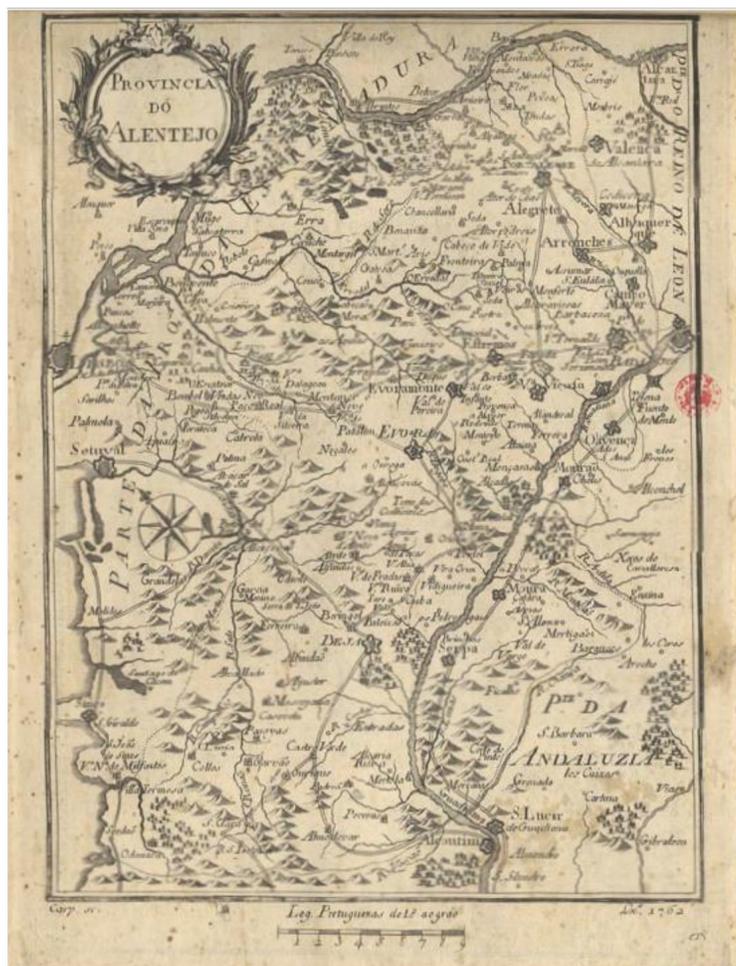


Fig. 01

Provincia do Alentejo | 1762

RESUMO | Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora.

Proposta arquitetónica.

... ultrapassada a muralha, é na periferia que deve encontrar-se preocupação do urbanismo atual; é nela e na sua recuperação que deve orientar-se o planeamento urbanístico e então querer-se às portas do intramuros. A cidade é só uma, a história faz-se a todo o momento e em todo o lugar, a *nova muralha* a recuperar chama-se, agora, periferia. (Lima, 1996, p.9)

Pretende-se na fase inicial a recolha de cartografia antiga, de forma a refletir sobre a cidade de Évora e o seu desenvolvimento. Uma cidade que hoje se encontra visualmente com uma clara contenção do aglomerado envolvido pela muralha, apenas interrompida nas portas.

É importante criar relação entre o denso espaço urbano e o espaço exterior à muralha.

Na presente dissertação será tomado como ponto de partida, a relação intramuros e extramuros. Uma intervenção entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, zona esquecida mas importante pela sua relação de proximidade com a muralha.

Este local foi uma antiga zona habitacional, ainda marcado pela presença de ruínas adossadas à muralha, descaracterizado ao longo do tempo. Torna-se fundamental a sua requalificação, proporcionando a relação entre o interior e exterior do perímetro muralhado. Para tal é proposto um equipamento de espaço público cultural, de forma a potenciar uma caracterização da zona, não descurando o percurso verde à volta das muralhas.

ABSTRACT | Between the Porta Avis e the Porta Lagoa, in Évora.

Architectural proposal.

... beyond the wall, on its periphery, is where the actual urbanism has its major concern; the urban planning should be oriented on recovering the old wall and its periphery. The town is only one and history is made at any moment, and any place. The new wall to recover is now called periphery. (Lima, 1996, p.9)

On the initial phase of this project the intention is to collect all kind of old cartography, in order to reflect about city of Évora and its development. A city that today is visually observed with a clear restraint of the clusters involved by the city wall, only interrupted by their doors.

It is important to create an association between the dense urban space and the space outside the city wall. The starting point of this dissertation will be the relation between the inside and outside of the city old wall. The main goal of this thesis is to propose an intervention between the porta Avis and the porta Lagoa, a forgotten area but important for its relation of proximity to the city wall.

This place was an old residence zone, still marked by the presence of ruins attached to the city wall, but it has been getting old overtime and there is no connection to the surrounded environment. So its requalification is major, providing the relation between the interior and exterior of the wall perimeter. To this end, it is proposed public-cultural space, in order to enhance a characterization of the area, without overlooking the green path around the walls.

00 ÍNDICE

Resumo	
Abstract	
01 INTRODUÇÃO	10
Objeto de Estudo	11
Objetivos da Investigação	12
Metodologia Método	13
Estado da Arte	14 15
02 ÉVORA. TERRITÓRIO E CIDADE NA ATUALIDADE	16 17
Enquadramento Geográfico do Concelho de Évora	18
Planta Topográfica e Hidrográfica	19
Planta Fisiográfica	20
Planta de Vegetação	21
Planta das Vias	22
Edifícios Notáveis	23
Mancha de Construção	24
Identificação dos Bairros	25
03 ÉVORA. PLANTAS ANTIGAS E EVOLUÇÃO URBANA	26
Plantas Antigas da Cidade	26 47
Etapas Fundamentais da Evolução Urbana da Cidade	48 57
04 ÉVORA. A CIDADE E O SÍTIO ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA	58
Portas da Cidade	59 64
Aqueduto da Água da Prata	65
Conjunto Abaluartado	66 68
O Programa Polis na Cidade	69 71
05 TRÊS REFERÊNCIAS DE PROJETO	72
Cidades Jardim do Amanhã	73
Broadacre City	74
Fundação Calouste Gulbenkian	75
06 CONTRIBUTOS PARA A REQUALIFICAÇÃO DO LIMITE ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA UMA HIPÓTESE DE PROPOSTA	76 77
Limite Ligação do Centro com a Periferia	78 79
Contextualização do Limite Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa	80 81
Estratégia Ligação do Centro com a Periferia	82 85
Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa Espaço cultural	86 93
07 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94 95
08 FONTES DE ILUSTRAÇÃO	96 99
09 BIBLIOGRAFIA	100 101

01 INTRODUÇÃO



Fig. 02
Vista da cidade de Évora | 1501

OBJETO DE ESTUDO

A presente dissertação debruça-se sobre a cidade de Évora, com maior foco na sua evolução através de plantas antigas que dão respostas sobre a zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, com o intuito de desenvolver uma proposta arquitetónica assente na leitura do contexto em que se insere, marcado em grande parte pelos edifícios adossados à muralha no limite entre a cidade intramuros e extramuros.

OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A presente dissertação organiza-se em duas partes. A primeira corresponde a uma componente teórica. Onde se insere a análise geral do contexto actual da cidade e recolha de cartografia antiga, esta tem o intuito de compreender a evolução geral da cidade, com maior foco na zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa. A segunda corresponde a uma componente prática, com o desenvolvimento de uma hipótese de proposta para o local de estudo.

Neste âmbito, a investigação tem como objetivos:

Recolha de cartografia antiga.

Compreender de um modo geral o processo de desenvolvimento da cidade de Évora.

Construir uma leitura da zona a intervir, com a compreensão do estado actual da porta de Avis, a porta da Lagoa, o Baluarte de São Bartolomeu e o Aqueduto.

Refletir sobre as habitações que ainda subsistem adossadas à muralha.

Desenvolver uma hipótese de proposta arquitetónica com o objetivo de caracterizar a zona de intervenção criando relação intramuros e extramuros.



Fig. 03
Évora | 1867

METODOLOGIA | MÉTODO

Pretende-se que o desenvolvimento da componente teórica seja o principal sustento para uma hipótese de projeto. A metodologia de estudo assenta na análise da cidade de Évora e do território. Para tal é realizada a recolha de plantas antigas (cartografia) com distintas datações de forma a compreender as etapas fundamentais da sua evolução urbana, com principal foco nas fases de maior alteração da cidade ao longo dos anos. Após a sua identificação e reflexão surge a proposta como uma hipótese de resolução dos principais problemas identificados, com a reflexão do programa a implementar, definição dos princípios de projeto e identificação das suas condicionantes.

A apresentação da informação na primeira parte será feita por meio de plantas de análise da cidade e plantas antigas com a sua respetiva legenda, apoiadas com textos e outros meios gráficos que se mostrem adequados, de forma a permitir uma clara apresentação.

Na segunda parte a presente dissertação tem como objetivo desenvolver a proposta que dá resposta aos principais problemas expostos, em que a apresentação é feita com plantas, cortes e alçados explicando da melhor forma as intenções pretendidas.

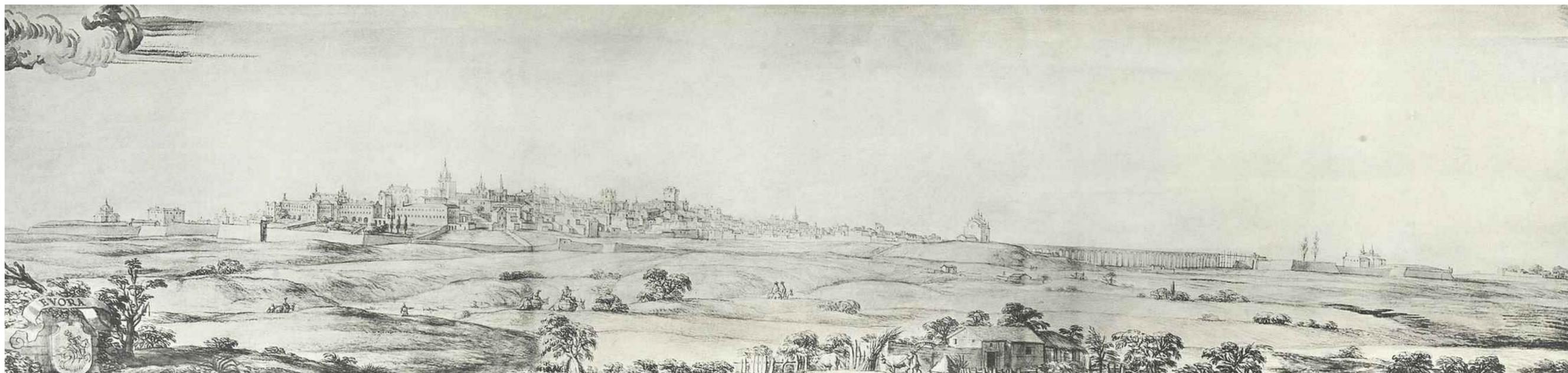


Fig. 04
Vista geral da cidade de Évora do lado Norte | 1669

ESTADO DA ARTE

As fontes escritas, primárias e secundárias sobre a cidade de Évora permitem fazer uma leitura contínua do desenvolvimento da cidade.

Sobre a estrutura urbana da cidade a obra de Orlando Ribeiro, *Évora: Sítio, Evolução e Funções de uma Cidade* de 1986, é de grande relevância na descrição da implantação da cidade romana no território.

Relativamente às etapas fundamentais da evolução urbana é de destacar nos Artigos em *Revistas Nacionais com arbitragem científica* em 2003 de Maria Simplício, nomeadamente a evolução da cidade.

A obra *Riscos de um Século* de 2001, com uma abordagem de carácter geral que nos oferece uma visão da cidade moderna relativamente à evolução urbana ocorrida já desde meados do século XIX.

Sobre Évora em geral é de destacar um dos trabalhos fundamentais a obra de Túlio Espanca, o *Inventário Artístico de Portugal do concelho de Évora* de 1966, com detalhes fascinantes da cidade.

A dissertação de Miguel Lima, centrada no estudo das fortificações.

É de referir também a *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos* em particular a obra *Monumentos 26* de 2007.

E de grande encanto o filme *Pedras e o Tempo, Évora* de 1961, de Fernando Lopes e o documentário do CIDEHUS das Muralhas de Évora com Fernando Correia de 2017.

As plantas da cidade, desenhadas à mão livre ou rigorosas, encontram-se nos diversos Arquivos. Estas permitem-nos ter uma noção clara de como se encontrava a cidade nos seus tempos mais antigos e de algumas das suas transformações ao longo dos anos.

De forma a ser mais elucidativo, as principais fontes permitem-nos fazer algumas abordagens primárias da cidade.

Tomando como referência algumas obras,

Orlando Ribeiro refere que Évora

... era limitada por uma cinta muralhada de cerca de 1080 metros de extensão na qual se abriam quatro portas, cuja localização procurou adaptar-se às condições topográficas, à estrutura viária exterior e à organização urbana interior, não permite uma clara definição dos eixos estruturantes das cidades romanas: o cardo (eixo N|S) e o decumano (eixo E|W). (Ribeiro, 1986, p.381)

Segundo Orlando Ribeiro, durante o período Romano as portas estavam orientadas segundo os pontos cardiais e delas partiam duas vias que cruzavam no centro da cidade, o templo Romano e a área da atual Sé, ocupando a parte mais elevada do território. "de antigos caminhos exteriores, aquelas vias se transformaram em ruas principais quando a cidade, no seu crescimento, extravasou a cerca primitiva". (Simplício, 2003, p.3)

Ao longo dos anos, a construção no interior da cerca velha foi-se tornando densa, levando à construção fora de muralha. Em meados do século XVI, era constituída por arrabaldes, que não ocorriam de forma planeada.

Em 1350, a construção de uma nova cerca, que se abria para o exterior por dez portas e um postigo, permitiu a inserção destes arrabaldes.

Na obra *Riscos de um Século*, José Barbosa defende que a

...definição legal dos limites da cidade é uma questão fundamental para a administração do seu território. A fronteira entre o solo urbano e o que é solo rural(...) Da reflexão sobre o assunto resultou uma delimitação comprometedora da forma do crescimento da cidade moderna e que foi expressa: o que delimita a cidade de Évora é a sua estrada de circulação. (Barbosa, 2001, p. 58)

Mantem-se ambígua a ideia do limite da cidade, "...com a imposição de um centro onde a urbanidade era um facto, e uma periferia carente dessa mesma urbanidade e, por isso, uma sub-urbe ou subúrbio" (Idem, p. 59)

Devido à necessidade de desenvolvimento da cidade ao longo dos anos, hoje é notória a falta de ligação da cidade intramuros e extramuros.

Tendo esta crescido na maior parte das vezes de forma não planeada, torna-se fundamental perceber o que é esta cidade fora de muralhas e o porquê de não existir o conceito de rua na mesma.

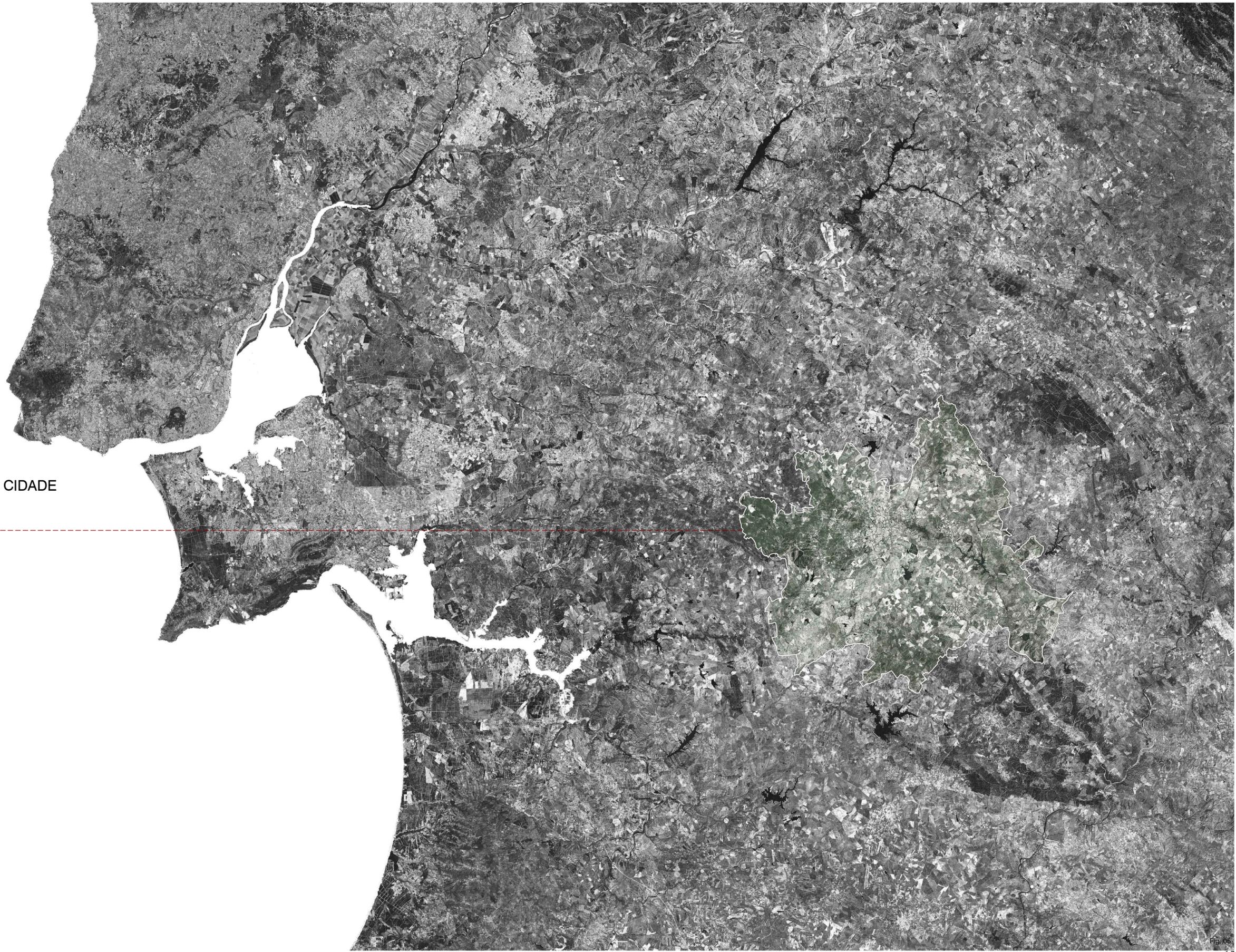
"...entendemos a rua como um elemento morfológico linear e contínuo do espaço público da cidade, ao mesmo tempo percurso e morada, itinerário e lugar"

(Coelho et al, 2013, p. 101)

Estas são algumas das obras fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Permitem-nos compreender a cidade, destacando problemáticas existentes que nos deparamos nos dias atuais.

**02 ÉVORA. TERRITÓRO E CIDADE
NA ATUALIDADE**

Limite do Concelho de Évora





Vista Aérea da Cidade de Évora | 2005  Fig. 06
1_20000

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE ÉVORA

A sede do distrito de Évora é a cidade de Évora, que dista de Lisboa cerca de 130 Km. A cidade situa-se no concelho de mesmo nome, possui uma área de 1306,3km², ocupa cerca de 4,8 por cento da Região Alentejo e 1,4 por cento do território de Portugal Continental. Ocupa uma posição central no distrito Évora, confinando a norte com o concelho de Arraiolos, a nordeste com o concelho de Estremoz, a leste com o concelho de Redondo, a sueste com o concelho de Reguengos de Monsaraz, a sul com o concelho de Portel, a sudoeste com o concelho de Viana do Alentejo e a oeste com o concelho de Montemor-o-Novo. O território do concelho de Évora encontra-se dividido, de acordo com a Lei n.º11-A/2013 de 28 de Janeiro, por doze freguesias.

A posição geográfica do concelho no centro do Alentejo, a meio caminho entre a orla litoral Portuguesa e a fronteira Espanhola, confere-lhe uma localização privilegiada em relações internas e internacionais. (Câmara Municipal de Évora (CME), 2014, p.1)

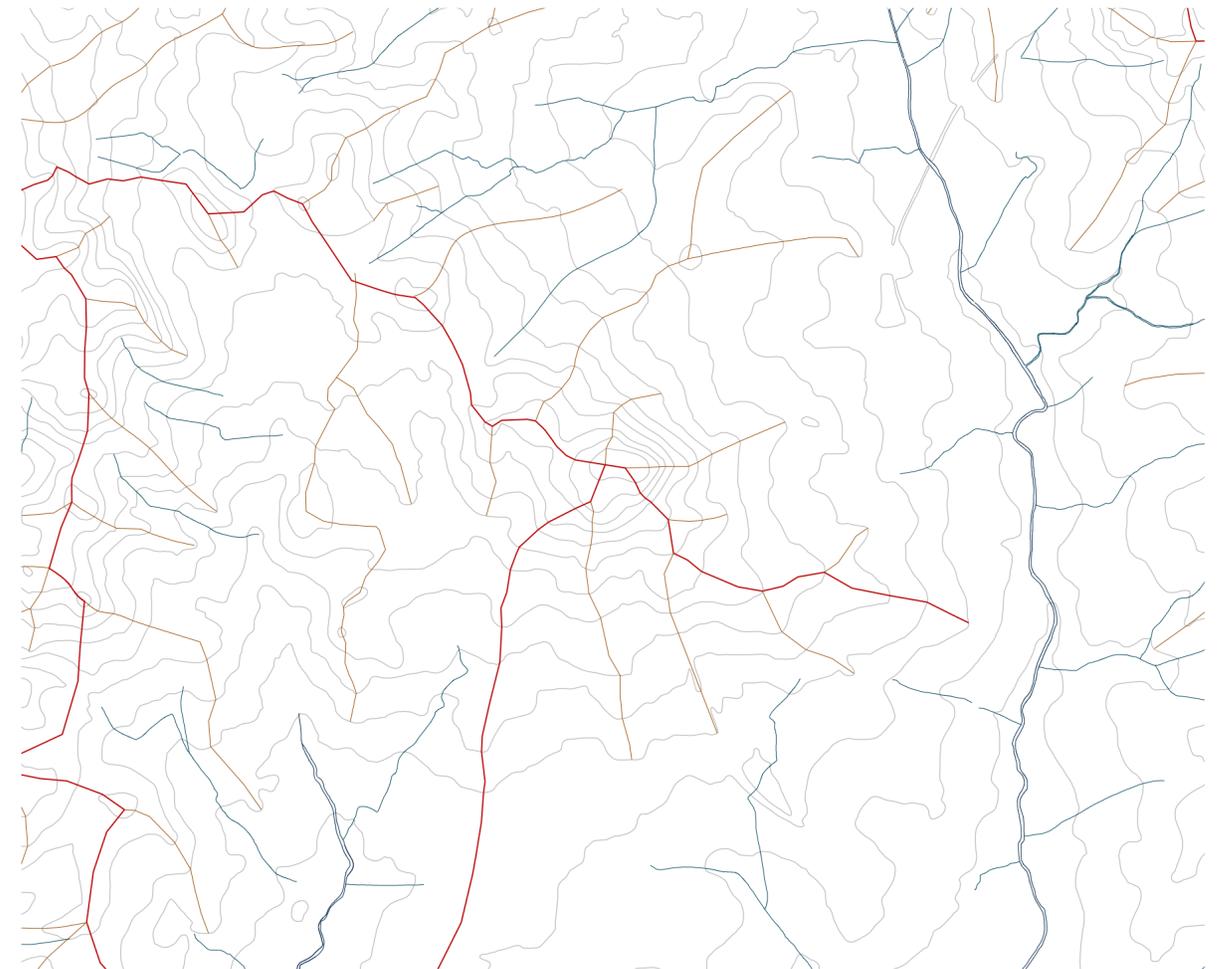


 Fig. 07
1_20000

PLANTA TOPOGRÁFICA E HIDROGRÁFICA

O concelho de Évora apresenta uma paisagem pouco acidentada, ou seja maioritariamente plana, com uma altitude média de 265 metros.

As suas cotas variam entre os 300 e 440 metros nas serras, e na peneplanície, onde se encontram as classes altimétricas mais representativas do concelho entre os 140 e 300 metros.

O centro urbano da cidade apresenta uma altimetria entre os 275 e 300 metros.

O concelho localiza-se no centro de distribuição correspondente à junção de três bacias hidrográficas do Alentejo, o Tejo, o Sado e o Guadiana, apresentando contudo, uma altitude dominante no concelho relativamente baixa.

Esta altitude característica da planície Alentejana, é acompanhada no sentido desce pela bacia do Tejo e do Sado em direção ao Oceano, ou para o interior para os vales adossados nas linhas de água como é exemplo o Guadiana a cerca de 100 metros a baixo do nível geral da envolvente. (CME, 2014, p.2)

- Curvas de nível
- Linhas de fecho
- Linhas de fecho secundária
- Linhas de água
- Linhas de água secundária

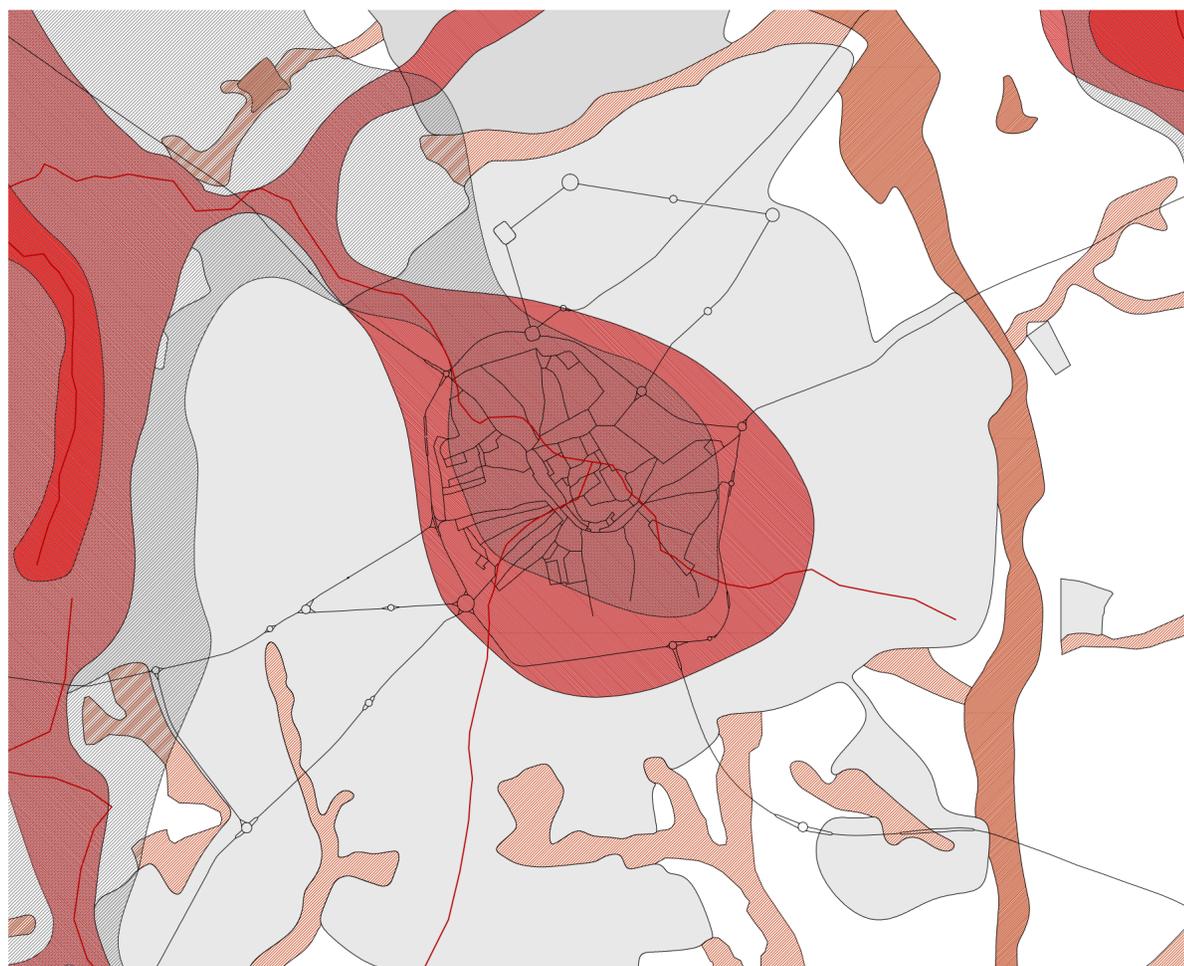


Fig. 08
1_20000

PLANTA FISIAGRÁFICA

O centro urbano da cidade de Évora encontra-se numa zona de cabeço, no ponto de marcação de linhas de festo, estas são linhas de cumeada ou de separação de águas, que unem os pontos de cotas mais elevados. É interessante referir que o centro da cidade de Évora se encontra no ponto de ligação destas linhas de festo. Relativamente ao declive, relação da diferença entre a variação de cotas altimétricas e planimétricas, o território de Évora é essencialmente aplanado. (CME, 2014, p.4)

- Área urbana e urbanizável
- FESTOS**
 - Zona de cabeço
 - Zona de cabeços secundários ou mal definidos, encosta superior e / ou pequenas elevações
 - Linhas de festo
- DECLIVES**
 - aplanadas (< 5 %)
 - ▨ suave a moderado (5-15%)
 - ▩ declivoso a muito declivoso (>15%)
- SÍNTESE FISIAGRÁFICA**
 - Albufeiras e zonas de vale principal
 - ▨ Zonas de vale secundárias



Fig. 09
1_20000

PLANTA DE VEGETAÇÃO

No concelho de Évora a superfície agrícola, espaços verdes cultivados, ocupa cerca de 53,55 por cento do território. A União das Freguesias de Évora, localizadas no interior da cidade são quase exclusivamente ocupadas por área social, onde 111,23 hectares são de áreas sociais e 0,93 hectares de espaços cultivados.

A região é marcada essencialmente por uma paisagem rural onde predomina o olival e o montado, sendo este um sistema agrícola que evoluiu através da intervenção do homem, nomeadamente com a plantação de sobreiros e azinheiras combinado ainda com arbustos rasteiros.

O centro da cidade é composto essencialmente por habitação, em que a expansão fora do perímetro muralhado é "envolvida" por espaços verdes cultivados e não cultivados. (CME, 2014, p.24)

- Espaços verdes cultivados
- Espaços verdes não cultivados
- Espaços não tratados



Fig. 10
1_20000

PLANTA DAS VIAS

O sistema rodoviário existente no território do município de Évora distribui-se hierárquica e funcionalmente por três subsistemas, fixando-se no regulamento do PDM normas para a sua gestão. O subsistema consiste nas vias primárias, constituídas pelas infraestruturas rodoviárias da rede rodoviária nacional, bem como pelas estradas municipais que estabelecem ou venham a estabelecer as ligações entre os principais aglomerados urbanos do concelho e a cidade de Évora, as vias principais, constituídas pelos eixos urbanos estruturantes e as vias secundárias, que compreende outros eixos urbanos e caminhos municipais classificados ou a classificar.

Nas últimas décadas do século XX, verificaram-se importantes alterações na rede rodoviária do concelho, melhorando de forma significativa a sua acessibilidade, uma estrutura radial, assente num feixe de vias que convergem e se acentuam para o centro da cidade.

Em termos de acessibilidade, os eixos rodoviários fundamentais do território de Évora são a auto-estrada que liga Portugal e Espanha (A6 e IP7) e a ligação de Évora ao norte e sul do país (IP2). (CME, 2007, p. 83)

- Vias principais
- Vias secundárias
- Linha de caminho de ferro
- Ecopista (antiga linha de caminho de ferro)



Fig. 11
1_20000

EDIFÍCIOS NOTÁVEIS

- Classificado
- Em vias de classificação
- Monumento | Imóvel de interesse público

IMÓVEIS CLASSIFICADOS

- 1 | Muralhas de Évora (cerca nova)
- 2 | Porta de Avis
- 3 | Aqueduto da Água da Prata
- 4 | Convento do Monte do Calvário
- 5 | Convento de Santa Clara
- 6 | Muralhas de Évora (cerca velha)
- 7 | Arco Romano de D. Isabel
- 8 | Convento da Cartuxa
- 9 | Templo Romano
- 10 | Convento dos Lóios
- 11 | Palácio dos Antigos Condes de Basto
- 12 | Colégio do Espírito Santo
- 13 | Fortes e Baluartes
- 14 | Sé de Évora
- 15 | Casa de Garcia Resende
- 16 | Chafariz das portas de Moura
- 17 | Igreja da Graça
- 18 | Igreja de São Francisco
- 19 | Paços de Évora (Palácio de D. Manuel)
- 20 | Ermida de São Braz Horta das Figueiras
- 21 | Torre quadrangular
- 22 | Chafariz da Praça do Giraldo

A 25 de Novembro de 1986 Évora foi reconhecida pela UNESCO como Património Mundial, atendendo às suas características arquitetónicas próprias.

"a cidade recebeu a distinção com grande orgulho e celebrou o reconhecimento do grande valor patrimonial que todos, no seu conjunto tinham ajudado a preservar" e que ainda hoje se preserva. (CME, 2012, p.1)

Tendo em consideração a análise da figura 11 conseguimos visualizar uma cidade culturalmente muito "rica", como uma cidade museu que nos permite delimitar um eixo cultural da cidade, onde se consegue abranger a maior parte dos edifícios de património classificado pela UNESCO, deixando espaço para outros possíveis percursos.

- Eixo Cultural



Fig. 12
1_20000

MANCHA DE CONSTRUÇÃO

A mancha do aglomerado é apresentada com grande imponência, no centro urbano densificado. Podemos observar que a cidade é rádio concêntrica, com uma força estonteante no interior do perímetro intramuros, em que a sua malha densa desenha quarteirões desenvolvendo-se ruas e praças, desenhadas pelos espaços vazios que vão surgindo e que desembocam no centro. Na grande mancha de construção densificada ainda conseguimos compreender o limite da cerca velha que no seu interior se encontra a antiga construção da cidade.

A sua envolvente composta por uma mancha mais dispersa tenta responder a esta mancha tão característica da qual denominamos de centro urbano densificado, respeitando ruas principais que dão acesso ao centro. O centro da cidade remete ao centro de massa, a um ponto equidistante da periferia.



Fig. 13
1_20000

IDENTIFICAÇÃO DOS BAIRROS

- Interior da Cerca Velha
- Interior da Cerca Nova
- Bairro do Bacelo
- Bairro novo do Bacelo
- Bairro de Corunheiras
- Bairro do Granito
- Bairro das Pites
- Bairro do Frei Aleixo
- Bairro do Tenente
- Zona de urbanização n°1
- Bairro das Nogueiras
- Bairro dos Álamos
- Zona de urbanização n°2
- Bairro da Comenda
- Bairro Senhora da Saúde
- Bairro de Santa Lúzia
- Bairro Garcia de Resende
- Chafariz D' El Rei
- Bairro Santa Maria
- Bairro Cruz da Picada
- Bairro da Comenda
- Bairro Alto dos Cucos
- Bairro da Vista Alegre
- Bairro Vilas da Cartuxa
- Bairro São José da Ponte
- Bairro Humberto Delgado
- Quinta da Torralva
- Quinta do Bispo
- Zona Industrial
- Bairro Almeirim
- Horta das Figueiras
- Bairro do Miranda
- Bairro Nossa Senhora do Carmo
- Quinta do Muniz
- Bairro da Casinha
- Bairro Torregela
- Bairro Lusitana
- Bairro Monte Redondo
- Bairro Nossa Senhora da Glória
- Bairro dos Três Bicos
- Bairro da Malagueira
- Bairro António Sérgio

03 ÉVORA. PLANTAS ANTIGAS E EVOLUÇÃO URBANA

PLANTAS ANTIGAS DA CIDADE

Neste capítulo é apresentado o levantamento das plantas antigas da cidade conhecidas até ao momento, de importância fulcral para a dissertação permitindo compreender fases da sua evolução e problemáticas existentes ao longo dos anos, permitindo dar respostas na fase projetual.

A cartografia, ou como será denominado ao longo da dissertação, as plantas antigas estão entre a forma de representação mais antiga, estas dão respostas de como se encontravam as cidades numa determinada fase temporal e pistas daquilo que poderiam ser muitos dos temas que temos curiosidade em conhecer dos nossos antepassados.

Na dissertação tornou-se fundamental realizar a sua recolha, expondo-as a par de forma a facilitar em geral a sua comparação e análise, com o intuito de compreender o processo de evolução da cidade, uma vez que este processo comparativo através de plantas de diferentes datações de representação ainda não é existente em livros publicados.

A obtenção destas cópias, tornou-se um processo demorado, uma vez que estas não estão devidamente identificadas no arquivo que se encontram.

Assim com a exposição destas, podemos compreender o processo de evolução da cidade e analisá-lo, compreendendo os diversos temas que estas nos sugerem.

Com a identificação de cada uma, conseguimos facilmente deslocar-nos ao arquivo onde se encontram e visualizar a sua fonte original.

Nota: As plantas antigas desenhadas à mão têm uma escala aproximada

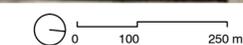
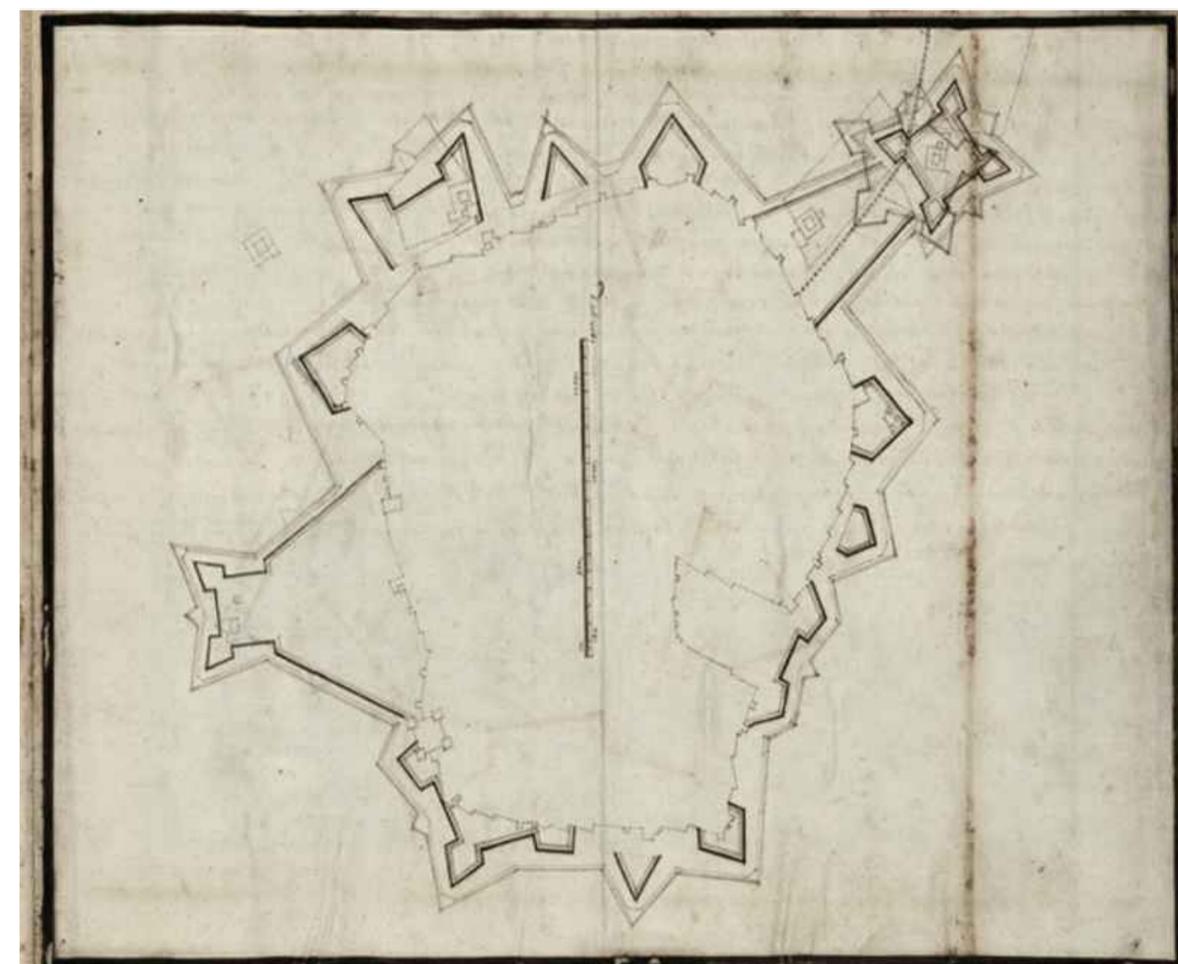


Fig. 14
Plano de Nicolau de Langres da fortificação de Évora | 1660

Designação: Plano de Nicolau de Langres da Fortificação de Évora

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Formato digital, cota COD-7445

Arquivo: Biblioteca Nacional de Portugal

Data de Realização: 1660

Autor: Nicolau de Langres

Descrição Geral: Desenhos e plantas de todas as praças do Reino de Portugal, plano de Nicolau de Langres da fortificação de Évora.

Observações:

Segundo Túlio Espanca, o último recinto muralhado, Século XVII (Sistema Vauban)

teve larga representação no capítulo da engenharia militar da época e foi examinado com estudos levantados, em 1642; Nicolau de Langres, 1648-60; Bartelomy Zanit e Pierre de Saint-Colombe, 1657-1663; Simão Joquet e Jean Brivois, 1660 e ainda pelo artista Allain Manesson Mallet, 1666, sob proteção do Mestre de Campo General Conde de Schomberg. (Espanca, 1966, p.5)

Na planta antiga da cidade encontramos a representação do sistema fortificado para Évora, uma proposta realizada por Nicolau de Langres entre 1642 e 1660, que consistiu num trabalho notável de engenharia militar, onde se compunha duas vastas obras, São Brás e Santo António, com menos destaque o Mosteiro das Carmelitas.

A frente abaluartada era composta por fortes, baluartes completos e meios baluartes. No plano conseguimos identificar todo o perímetro fortificado proposto para a cidade.

É de salientar que a planta é apresentada rigorosa, com a sua respetiva escala, esta

não tem qualquer tipo de representação relativa à malha urbana, apenas o sistema defensivo. A muralha é apresentada com um layer mais ténue com algumas das suas torres e em grande destaque no sistema fortificado, os baluartes e fortes. O perímetro exterior à volta do sistema fortificado é apresentado limpo, desprovido de qualquer construção ou zona de cultivo.

Com esta planta conseguimos depreender que o projeto não foi concluído na sua plenitude e que apenas se realizou o forte de Santo António e o baluarte do Príncipe, por serem tipologicamente muito semelhantes na atualidade.

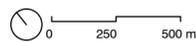
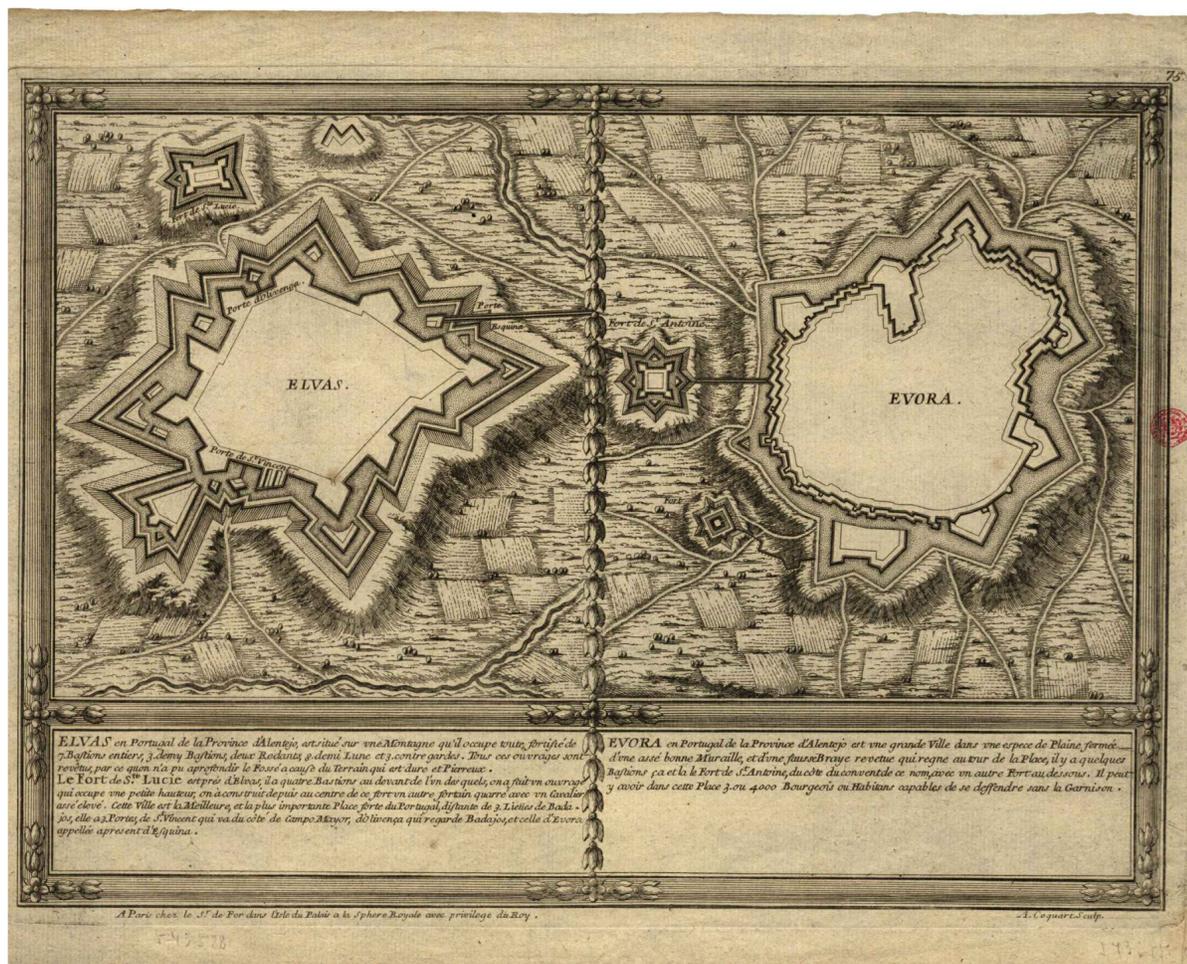


Fig. 15

Planta das cidades de Elvas e Évora | 1705

Designação: Planta das Cidades de Elvas e Évora

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Formato digital, cota CC-133-P2

Arquivo: Biblioteca Nacional de Portugal

Data de Realização: 1705

Autor: A. Coquart

Descrição Geral: Representação dos sistemas defensivos das cidades de Elvas e Évora.

Observações:

No canto inferior direito a planta apresenta-nos um texto descritivo da imagem. Referindo que:

Évora, em Portugal, na província do Alentejo, é uma grande cidade numa espécie de planície, encerrada por uma boa muralha e um falso Braye (fosso | barbacã) revestido que se impõe à volta da praça, há alguns baluartes, o forte de Santo António, do lado do convento do mesmo nome, com um outro forte em baixo. Podem existir nesta praça 3000 ou 4000 habitantes capazes de se defender sem guarnição. (Matos, 2017)

Nota: Tradução livre.

Na planta antiga da cidade encontramos a representação do sistema fortificado de Elvas e Évora, realizada por Coquart em 1705.

Apesar da constituição da planta ser composta pelas duas cidades, as observações são direcionadas exclusivamente à planta da cidade de Évora, devido à sua

importância para o trabalho realizado.

A planta é nos apresentada com um desenho "síntese", com as intenções base representadas com grande imponência, como o sistema fortificado, defensivo, incluindo os dois fortes descritos de Forte e Forte de Santo António.

A representação do sistema fortificado consiste no perímetro muralhado, a cerca nova, o barbacã, os baluartes e os fortes. O perímetro em seu redor é apresentado limpo com relevo até encontrar-mos os campos de cultivo, com os principais percursos de acesso ao perímetro interior da cidade. Adossado ao Forte de Santo António identificamos o Aqueduto da Água da Prata, de uma forma esquemática ou simbólica por se encontrar representado em linha reta. O interior do perímetro muralhado não tem qualquer tipo de representação, indicando para uma zona quase plana.

Podemos depreender que a cidade de Évora encontrava-se isolada e bem protegida pelo seu forte, sistema defensivo, composto por muralha, barbacã, baluartes e fortes. O sistema defensivo era assim o fortificado avançado erguido, que protegia a entrada da cidade.

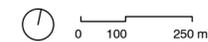


Fig. 16

Planta da cidade de Évora | 1750 - 1790?

Designação: Planta da Cidade de Évora

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Formato digital, cota D-343-A

Arquivo: Biblioteca Nacional de Portugal

Data de Realização: 1750-1790?

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora a tinta da china e aguarelas de várias cores.

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação da linha de muralha com as suas respetivas torres, o barbacã e os baluartes com a envolvente do perímetro interior e exterior do sistema fortificado, a cerca nova, de autor desconhecido, realizada entre 1750 e 1790?

A planta é apresentada a tinta da china e aguarelas, com a sua respetiva legenda. Esta apresenta-nos as zonas de maior relevo da cidade, sendo notório uma cidade quase plana. Com cor mais relevante conseguimos identificar a mancha de edificado em que nos é apresentado com um tom mais escuro os edifícios notáveis.

A representação da mancha de vegetação leva-nos a entender que esta era composta por vegetação alta e com grande predominância na zona Oeste da cidade. A planta apresenta-nos também as zonas de cultivo no exterior do perímetro muralhado e os principais percursos que dão acesso ao interior da cidade, como o caminho de Lisboa, Beja e Estremoz, com a sua continuação no interior do perímetro.

A zona central da cidade não tem delineamento, sendo apenas revelado o percurso do Aqueduto da Água da Prata e registadas as fontes de abastecimento de água da cidade.

A planta apresenta uma legenda bastante completa e precisa, enquadrando conventos, baluartes, portas, torres, chafariz, fontes, hortas, entre outras. Entre os anos de 1750 e 1790 a cidade revela-se uma cidade de cultivo em que esta já se começava a estender para o exterior do perímetro muralhado, da cerca nova, com uma pontuação de construções que vai aparecendo muito timidamente.

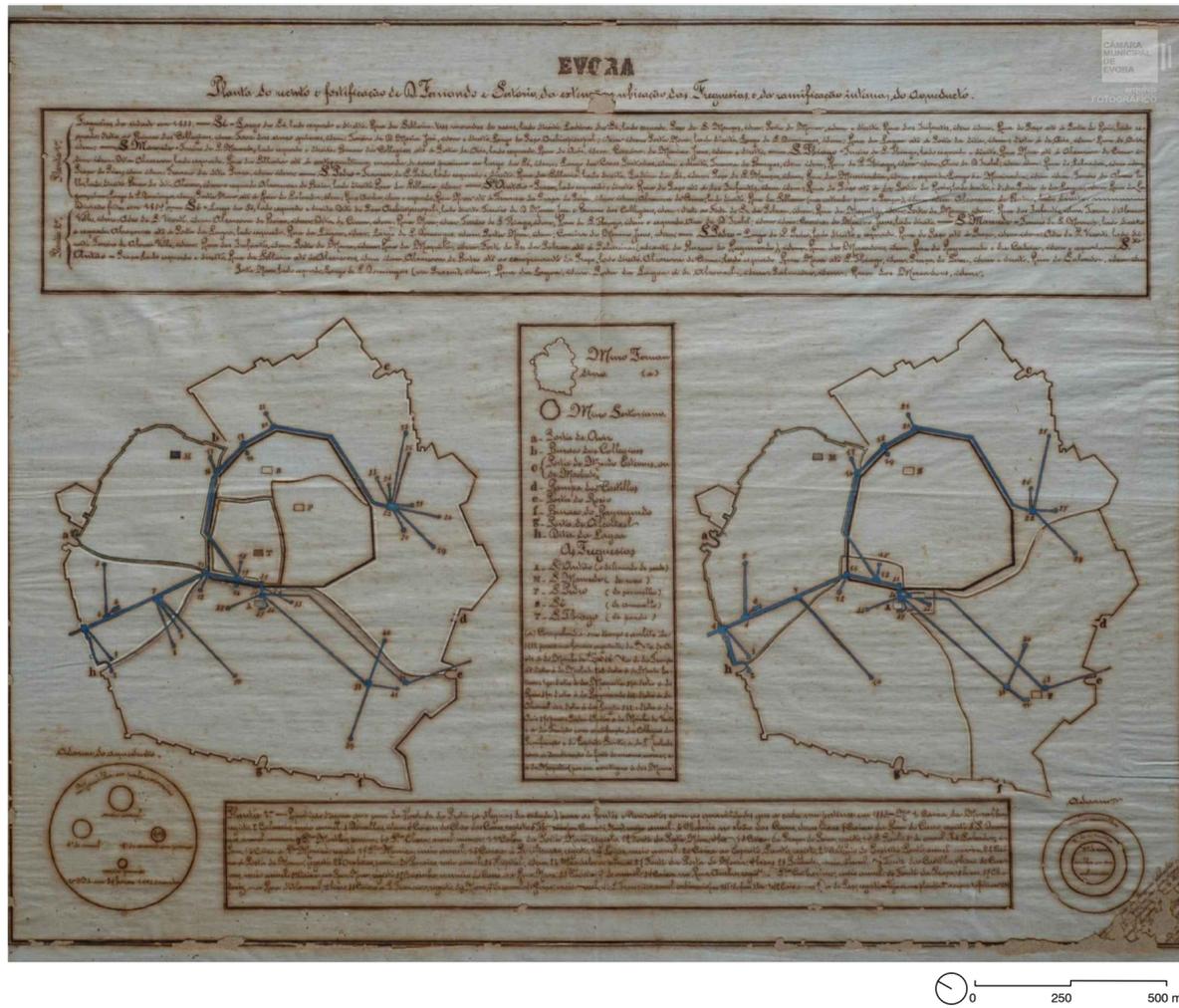


Fig. 17

Évora, planta com esquema geral do Aqueduto da Água da Prata na zona intramuros | 1856 - 1900

Designação: Évora, Planta com Esquema Geral do Aqueduto da Água da Prata na

Zona Intramuros

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora

Data de Realização: 1856-1900

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Évora, planta do recinto e fortificação das freguesias e da ramificação interna do Aqueduto da Água da Prata

Observações:

...na sua expressiva grandiosidade, o secular aqueduto de Évora testemunha o vigor da nossa arquitectura e tecnologia hidráulicas de Quinhentos. É uma das construções mais emblemáticas da permanência da corte, nesta cidade, onde a água foi um símbolo de riqueza e de poder, e é o segundo monumento mais longo de Portugal... (Monteiro, 2007, p.98)

Na planta antiga da cidade encontramos a representação da muralha e baluartes da cidade de Évora com a sua respetiva rede de água, de autor desconhecido, realizada entre 1856 e 1900.

Na presente planta encontramos o desenho esquemático da rede geral de distribuição de águas públicas de Évora, intitulado de antiga planta da canalização das águas sertorianas intramuros da cidade. Um notável sistema quinhentista de abastecimento de água canalizada.

A apresentação é feita com duas plantas em que a segunda nos mostra os principais

percursos de abastecimento e a outra é completa com percursos secundários deste mesmo abastecimento.

Consegue-se identificar facilmente o perímetro de muralha e baluartes com a cerca velha no seu interior, desenhado para identificar a cidade de Évora, a cerca velha encontra-se a par com este percurso de fornecimento de água.

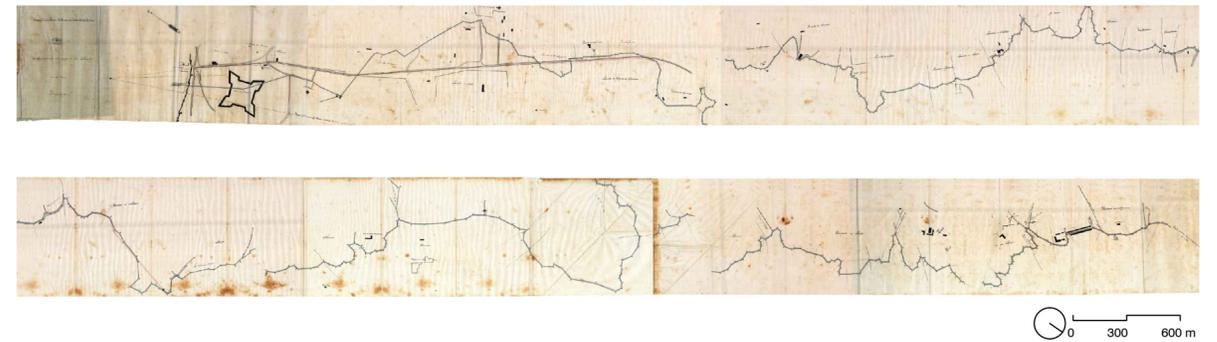


Fig. 18

Planta do Aqueduto da Água da Prata | (s.d.)

Designação: Planta do Aqueduto da Água da Prata

Fonte: Biblioteca Pública de Évora. Formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 53

Arquivo: Biblioteca Pública de Évora

Data de Realização: (s.d.)

Autor: Direção de Obras Públicas do Distrito de Évora

Descrição Geral: Direção de Obras Públicas do Distrito de Évora, planta do Aqueduto da Água da Prata

Observações:

Planta do traçado do aqueduto entre a Graça do Divor e Évora, da Direção de Obras Públicas do Distrito de Évora, sem data conhecida.

O Aqueduto da Água da Prata está representado desde a Graça do Divor à cidade, percorrendo cerca de dezoito quilómetros, é apresentado fragmentado onde está representado o traçado do cano de adução de água em desenho, da responsabilidade da Direção de Obras Públicas do Distrito de Évora.

Apesar de não se encontrar na presente dissertação, é importante referir numa continuidade de leitura de plantas, que se encontra na Biblioteca Pública de Évora, uma cartografia, com o desenho do levantamento do perfil longitudinal do aqueduto extramuros, com as nascentes da Graça do Divor.

Quando aproximamos a planta, conseguimos perceber onde o aqueduto atravessa a muralha, criando um toque lindíssimo entre ambos, já no Forte de Santo António este

atravessa-o elevado. Durante o percurso do aqueduto, este apresenta-se elevado, à cota ou enterrado.

O Aqueduto da Água da Prata foi alvo de diversas remodelações e restauros, mantendo sempre o seu traçado original. Foi classificado desde 1910 como Monumento Nacional. Este contribuiu para a fixação da população, para o crescimento e desenvolvimento do conforto e bem-estar social e económico.

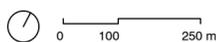


Fig. 19
Planta da cidade d'Évora levantada à vista e a passo | 1882

Designação: Planta da Cidade d'Évora Levantada à Vista e a Passo

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora. Edifício Paços do Concelho

Data de Realização: 1882

Autor: Manoel Joaquim de Mattos

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora levantada à vista e a passo. Sendo esta a primeira representação cartográfica.

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, realizada por Manoel Joaquim de Mattos, em 1882.

Segundo a Câmara Municipal de Évora, a planta da cidade foi levantada à vista e a passo, uma das primeiras representações cartográficas, sendo esta a primeira planta com esta representação de sua posse. Elaborada com técnicas rudimentares, a passo e a olho, pelo capitão Manoel de Mattos, sendo assim referida pela primeira vez em 1882.

A planta e os seus decalques servirão de base aos primeiros planos de esgotos, calcetamento de ruas, distribuição de água canalizada e sistema de iluminação.

Na planta conseguimos confirmar que a área à volta de Évora muralhada, era ocupada por hortas e quintas, sendo a exploração agrícola a atividade principal da cidade nesta época. Conseguimos perceber que a cidade em 1882 ainda se encontra

fechada sobre si, apresentando uma planta urbana radioconcêntrica. Através das ruas conseguimos definir o centro que a partir deste partem as ruas principais.

O centro cívico da cidade era a Praça do Giraldo, já desde 1863, em que esta foi calcetada e as antigas guardas da fonte foram substituídas por gradeamento de ferro.

Na presente planta já é visível o tabuleiro central da praça, que tivera sido construído em 1868.

Em 1882 encontrava-mos uma cidade que vivia da agricultura, fechada com o centro cívico na Praça do Giraldo.

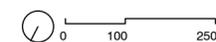


Fig. 20
Planta da cidade de Évora | 1882?

Designação: Planta da Cidade de Évora

Fonte: Câmara Municipal de Évora

Arquivo: Câmara Municipal de Évora. Edifício Paços do Concelho

Data de Realização: 1882?

Autor: Manoel Joaquim de Mattos

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora levantada à vista e a passo.

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, realizada por Manoel Joaquim de Mattos, de 1882 ou de uma data muito próxima.

A planta apresentada é muito semelhante à planta anterior, quando realizada uma sobreposição, do que se consegue observar tem uma probabilidade muito grande de ser a mesma planta, como já referido poderá ser um decalque da planta anterior.

Nesta planta conseguimos ver com precisão o perímetro da cerca nova e os baluartes com as ruas que o envolvem no exterior.

O aqueduto é representado com linha a tracejado, desenhado desde a zona do Largo do Chão das Covas, atravessando a muralha indicando para a sua continuidade.

As zonas ajardinadas são evidentes através do layer em pontilhado. No interior do perímetro conseguimos perceber as ruas que se encontram todas identificadas com o seu respetivo nome. Estas desenham os quarteirões, os espaços verdes e as praças, que nos levam ao centro antigo da cidade, o Templo Romano e a atual Sé e nos

indicam para o centro cívico, a Praça do Giraldo.

A inauguração do caminho de ferro em 1863 tinha, todavia, originado o aparecimento de algumas habitações fora de muralhas, como podemos observar na zona sul da cidade, precisamente ao longo do percurso do Rossio até estação de caminho de ferro. A cidade começa assim a expandir-se para fora da cerca nova.

No século XIX, começa a existir alterações da cidade a nível urbano, "... face ao aparecimento de novas práticas de sociabilidade, em que as igrejas e os palácios deixaram de ser o centro da vida social."

(Almeida, 2001, p.19)

Uma cidade com o aglomerado contido muito forte e característico que se começava a expandir para fora do perímetro muralhado muito timidamente.

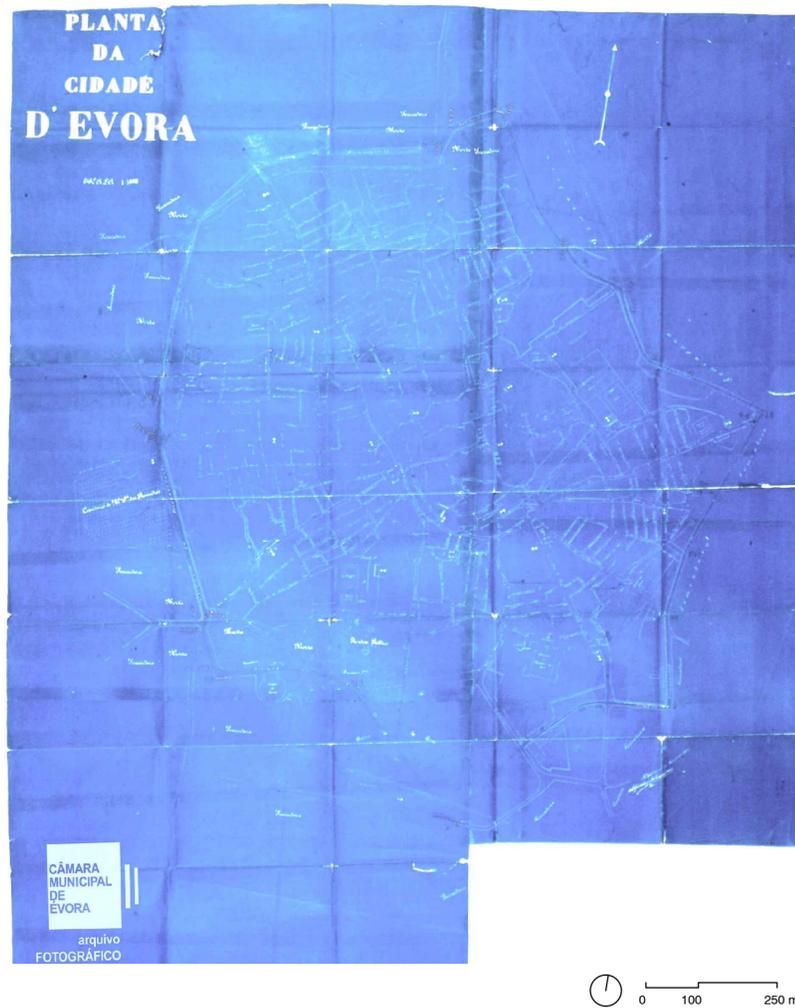


Fig. 21
Planta da cidade d' Évora | 1913

Designação: Planta da Cidade d' Évora

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora. Edifício Paços do Concelho

Data de Realização: 1913

Autor: Alfredo Augusto Moraes Gomes

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora, realizada pelo topógrafo das Obras Públicas

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, realizada por Alfredo Augusto Moraes Gomes, de 1913.

A planta devido ao seu desgaste temporal é de difícil leitura.

Conseguimos perceber as principais vias de acesso ao centro da cidade.

Nesta época um dos melhoramentos mais significativos foi a rede viária e arruamentos, suplementando com algumas obras de calcetamento, já que até à data as ruas encontravam-se na sua maioria em terra batida, em pedra britada ou saibro recalçado.

Apesar de não ser visível na planta, sabemos que no ano de 1913 a praça do Sertório teria sido alargada, assim como a travessa de mesmo nome.

Relativamente aos equipamentos urbanos, Cármen Almeida refere que

...fazem-se realçar três intervenções que tiveram uma particular importância para o desenvolvimento futuro da cidade: o novo edifício dos Paços do Concelho, na Praça do Sertório; o novo mercado S. Francisco, localizado nos terrenos da antiga cerca do Convento; o Matadouro Municipal, construído entre 1899 e 1904... (Almeida, 2001, p.43)

Na penúltima década de oitocentos, para permitir uma melhor circulação iniciaram-se as demolições das portas da cidade, com exaçaõ da porta de Avis.

Em 1913, foram demolidas algumas das arcadas existentes próximo da praça do Giraldo, por dificultarem o acesso viário à praça.

Na planta de 1913, já se encontra a estrada de circunvalação, o Rossio de São Brás e a parte das ligações viárias à estação de caminho de ferro. A planta realizada por Alfredo Gomes, topógrafo das Obras Públicas tem uma representação apenas planimétrica definida com a área e descrição dos espaços públicos.

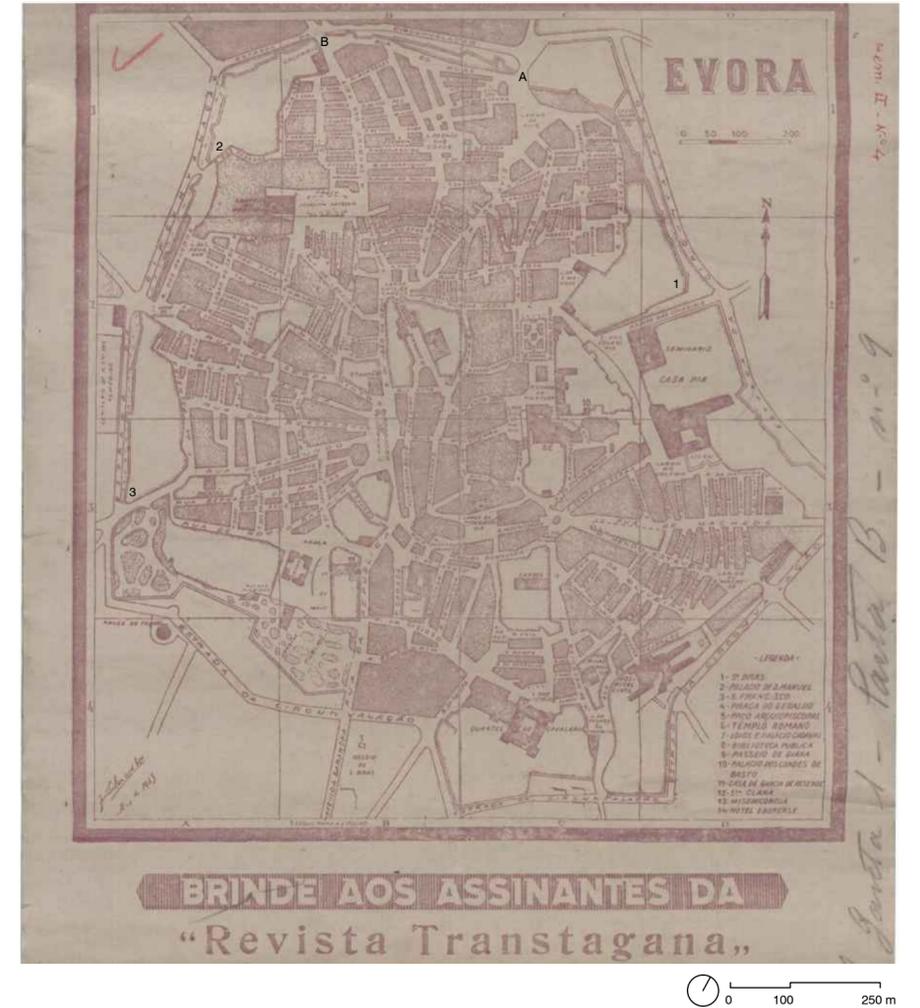


Fig. 22
Évora: Brinde aos assinantes da "revista Transtagana" | 1925

Designação: Évora: Brinde aos assinantes da "Revista Transtagana"

Fonte: Biblioteca Pública de Évora. Formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 4

Arquivo: Biblioteca Pública de Évora

Data de Realização: 1925

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Évora: Brinde aos assinantes da "Revista Transtagana", dimensão de 21 por 19,5 centímetros, com moldura de duas faces em madeira

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, de autor desconhecido, de 1925.

A planta da cidade é apresentada com o título *Brinde aos assinantes da revista "Transtagana"*.

A planta apresenta-nos os quarteirões da cidade, as ruas devidamente identificadas e os espaços verdes públicos.

A legenda descreve os principais edifícios e praças.

Nesta planta é nos apresentado com destaque a via de circulação à volta do perímetro muralhado, descrita de estrada de circunvalação.

Na planta que observamos, apesar de ser pouco visível, consegue-se visualizar com um tom mais escuro os edifícios com relevância arquitetónica com a sua respetiva legenda, como um cartaz guia da cidade de Évora.

Conseguimos observar zonas intramuros que ainda se encontravam sem ocupação específica, ou ocupadas por hortas, desprovidas de construção, como a cerca de Santa Mónica (1), a cerca do Calvário (2) e a horta da Palmeira (3). (Abel, 2007-2008, p.98)

Entre a porta de Avis (A) e a porta da Lagoa (B) é de grande relevância a circulação de rede viária exterior ao perímetro, na altura o traçado da rede tinha uma proximidade maior com a muralha, hoje percurso secundário de acesso ao estacionamento existente.

A planta revela-nos através das vias de circulação automóvel a necessidade de ligação, que começou a existir da cidade contida dentro do perímetro muralhado e da cidade que se começava a dispersar no espaço exterior deste perímetro. Uma cidade com uma identidade muito forte no seu interior mas distante do aglomerado exterior que começava a ganhar forma.



Fig. 23
Planta da cidade | 1928

Designação: Planta da Cidade

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora. Edifício Paços do Concelho

Data de Realização: 1928

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora, realizada por fotogrametria aérea

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação da cidade de Évora, de autor desconhecido, realizada em 1928.

A planta é nos apresentada rigorosa, com o delineamento em pormenor do perímetro muralhado, da cerca nova, no seu interior a representação é feita com quarteirões, revelando ruas e praças. A planta é completa com a designação de ruas, praças e edifícios notáveis. Apresenta também as principais zonas ajardinadas, com grandes manchas de vegetação, como a zona do Jardim Público de Évora.

Fora do perímetro muralhado são representadas as principais ruas, fruto das habitações que já existiam fora deste perímetro, nestas ruas já se revela planeamento, sendo representadas com geometria e vegetação nas suas extremidades.

À medida que a cartografia foi evoluindo em precisão e aumento da superfície abrangida, as plantas antigas com levantamentos feitos a "olho e a passo" foram

sendo substituídas e caindo em desuso. Segundo Cármen Almeida "... surgem-nos actualmente peças gráficas que são verdadeiros enigmas, umas por não referirem a autoria, outras a data. É o caso da planta da cidade intramuros com o subtítulo "Executada por fotogrametria aérea em 1928".

A planta de pormenor foi executada por fotogrametria aérea, mas ainda nesta data encontrava-se com a ausência da informação altimetria.

As primeiras grandes obras viárias que visaram a expansão da cidade para fora de muralhas foram motivadas pela estação de caminho de ferro, em que a Avenida Doutor Francisco Barahona, é apenas esboçada com o caminho. Após a inauguração da estação de caminho de ferro, foi submetida a obras em 1905 e em 1923, e a avenida dos Combatentes da Grande Guerra, em 1931. "No entanto estas novas avenidas não se impuseram como os grandes eixos de desenvolvimento urbano..." (Almeida, 2001, p.51)

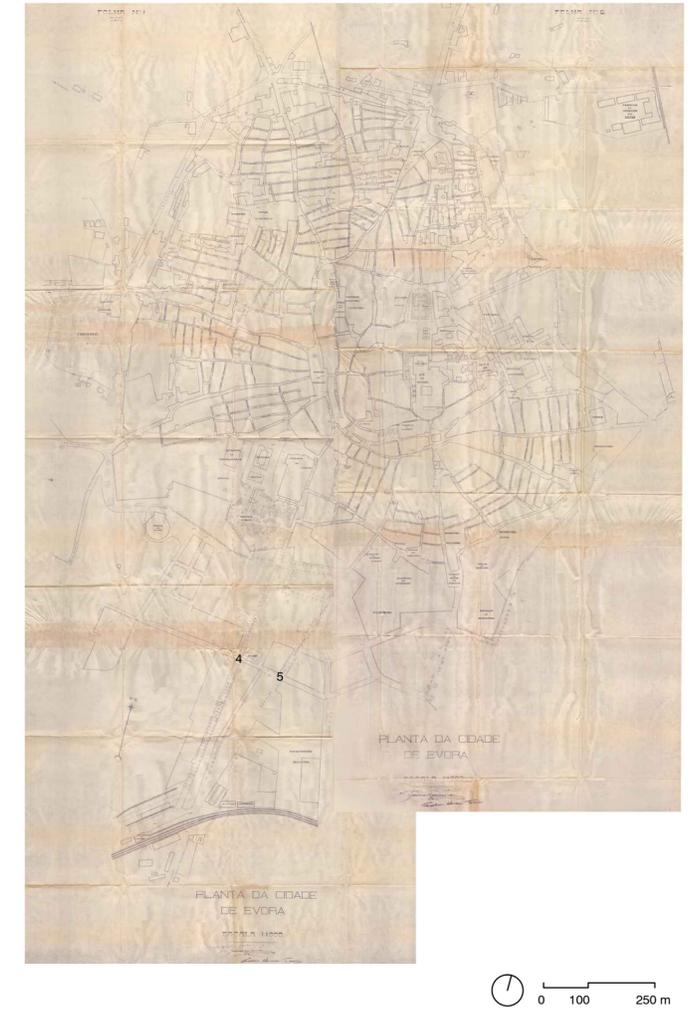


Fig. 24
Planta da cidade de Évora | 1939

Designação: Planta da Cidade de Évora

Fonte: Câmara Municipal de Évora

Arquivo: Câmara Municipal de Évora. Edifício Paços do Concelho

Data de Realização: 1939

Autor: Autor desconhecido devido à falta de legibilidade

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora, dividida em duas folhas

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, de autor desconhecido, realizada em 1939.

A partir de 1928 as plantas são apresentadas com escala, com rigor e pormenor no que apresentam. Como já referido a planta apresentada acima, tem um desenho cuidado e rigoroso.

Assim como a anterior, a planta é apresentada com quarteirões dando especial importância às praças e ruas da cidade. Uma planta que nos dá uma leitura diferente da cidade, devido ao delineamento da muralha ser apresentado com o mesmo layer que a restante planta, permite-nos olhar para as ruas e praças com maior escala de importância, também elemento fundamental na organização da cidade.

A partir de 1907, iniciou-se o processo de classificação dos monumentos nacionais e dos imóveis de interesse público. A preservação do património construído começou a ter grande relevância, com a motivação do grupo Pró-Évora, fundado em 1919.

As primeiras obras viárias consistiram na avenida Doutor Francisco Barahona (4), esta foi lotada em grandes parcelas, onde se construíram algumas das "melhores" habitações da época, com uma tendência de construção de moradia isolada no lote, determinando uma ocupação de baixa densidade, contrária à intenção inicial.

A avenida dos Combatentes da Grande Guerra (5) era composta por armazéns e oficinas, com algumas habitações.

A expansão extramuros, deu-se devido à carência de habitação, surgindo os primeiros bairros fora do perímetro muralhado, Chafariz D'El-Rei e o Rossio Ocidental, zona sul da cidade. Esta expansão foi "impulsionada" pela localização da estação de caminho de ferro, da Fábrica dos Leões e na proximidade das portas, devido ao fácil acesso ao interior da muralha, conjugada com as entradas de ligação regional, Montemor, Reguengos, Arraiolos e Redondo.

É importante referir que desde o Decreto de 1934, onde se Classifica os bens do domínio público e privado do Estado para efeito da organização do cadastro, todas as cidades do país deveriam ter uma planta topográfica atualizada, em Évora devido à inexistência de bases cartográficas fiáveis e à incapacidade técnica de programação, teve inexistência das mesmas até à aprovação do primeiro Plano de Urbanização.

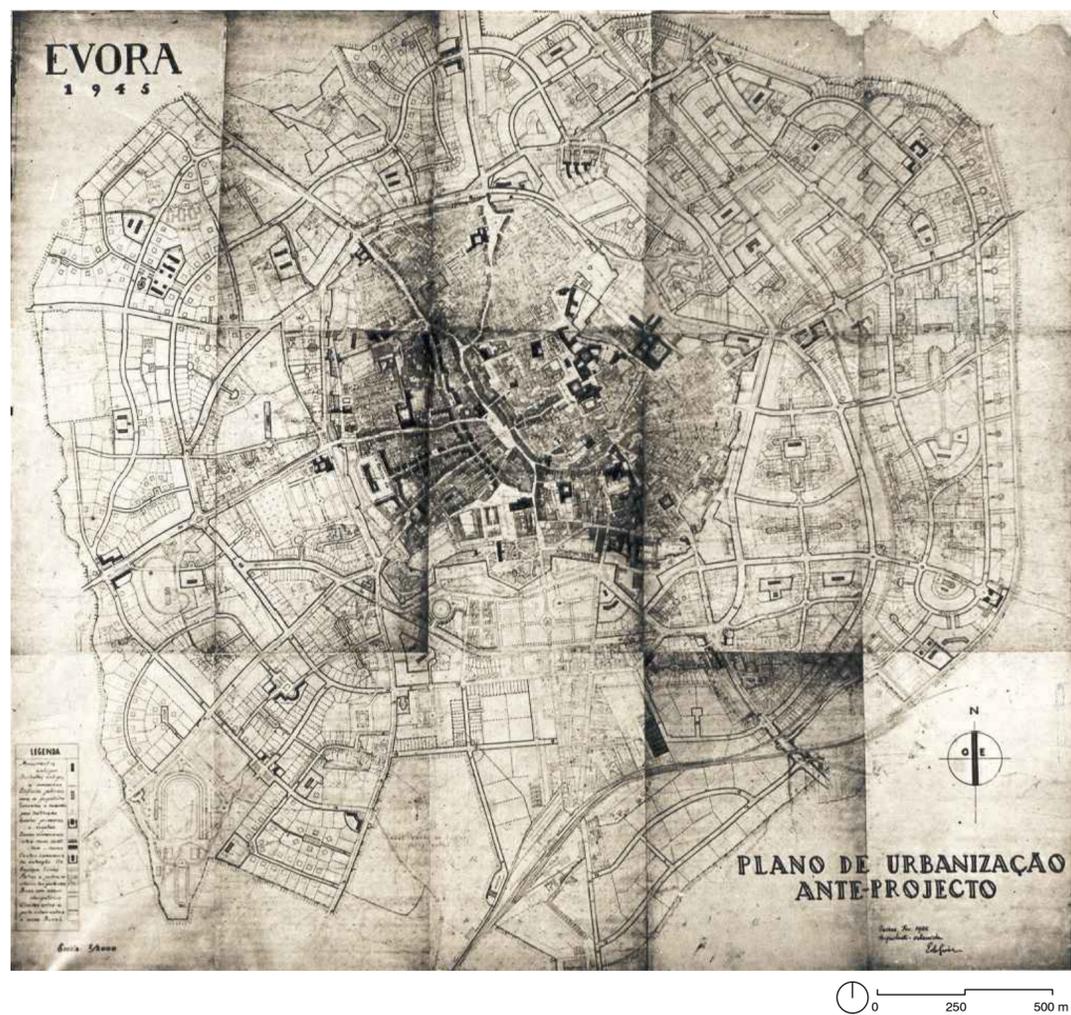


Fig. 25
Plano de urbanização de Évora | 1945

Designação: Plano de Urbanização de Évora

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora

Data de Realização: 1945

Autor: Étienne de Gröer

Descrição Geral: Planta do ante-projeto do plano de Urbanização de Évora

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação do plano de urbanização, anteprojecto, de Étienne Gröer, realizada em 1945.

O primeiro plano de urbanização da cidade de Évora decorre entre 1937 e 1939, tendo como principal objetivo o crescimento da cidade em todas as direcções.

O plano de Gröer é um plano complexo e extenso. Este mostra-nos a cidade dentro do perímetro muralhado com pormenor, esta já não é apresentada por quarteirões, mas com habitações, onde encontra-mos a escuro os edifícios notáveis.

Fora da cerca nova, encontramos o plano para a cidade, onde esta se organiza por ruas planeadas que circundam a *cidade antiga* interligadas até ao centro.

O crescimento da malha urbana da cidade foi impulsivo entre o ano de 1940 e 1950, decorrendo assim o primeiro período de importante expansão, a necessidade da implantação do plano geral de urbanização em Évora, de forma a "controlar" os bairros

não planificados na cidade, torna-se crucial. Na figura 25 encontramos o segundo plano de urbanização da cidade realizado pelo arquiteto urbanista francês Étienne de Gröer iniciado em 1942.

... pela primeira vez, é encarada a cidade como um somatório de partes, cada uma delas com uma lógica própria de aparecimento, crescimento e, até, de substituição de partes da sua tessitura urbanístico-arquitectónica, visão que, até aquela data, nunca tinha sido ensaiada, uma vez que se tratou de uma visão baseada na história da cidade e apoiada no conhecimento de disciplinas que, conjuntamente com a Arquitectura e o Urbanismo, concorrem para o entendimento holístico daquilo que é a própria cidade. (Abel, 2007-2008, p.89)

O plano de Gröer proposto para a zona exterior à muralha, inspirado na *cidade-jardim*. "Provocou uma ruptura com o estilo arquitectónico do centro histórico que, aliás, Gröer elogiou, mas a que não quis dar continuidade. O Plano, iniciado em 1942, é aprovado pela edilidade em 1945 e sancionado pelo governo em 1947." (Almeida, 2001, p.102)



Fig. 26
Planta da cidade Évora | (s.d.)

Designação: Planta da Cidade de Évora

Fonte: Arquivo Distrital de Évora

Arquivo: Arquivo Distrital de Évora

Data de Realização: (s. d.)

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Planta da cidade de Évora

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, de autor e data desconhecido.

Na planta é apresentado o perímetro muralhado com um layer mais forte, a cerca nova e os baluartes. Com este mesmo layer apresenta-nos o Aqueduto da Água da Prata e edifícios notáveis, tal como a Sé Catedral de Évora (C).

Conseguimos depreender que o plano de urbanização de Gröer foi realizado em parte devido a encontrar-mos muitas semelhanças na atualidade.

A aplicação do plano iniciou-se com a construção a Zona de Urbanização Número Um, com a avenida de São João de Deus (6) e a avenida Leonor Fernandes (8) com as respetivas ruas transversais. Na avenida São João de Deus foram construídos prédios com as características de habitação social, com a designação de Bairro do Legado do Operário. Enquanto que na avenida Leonor Fernandes foram surgindo as moradias

isoladas no lote. Mesmo com a criação da nova Zona de Urbanização Número Um, cuja construção se iniciou em 1945, não deu resposta à construção dos bairros clandestinos e de habitações dispersas que foram "aparecendo" na zona extramuros da cidade.

Na planta é visível que o bairro de Chafariz d'El-Rei já se encontrava urbanizado, a par deste, foram consecutivamente sendo construídas habitações clandestinas. A expansão a sul da cidade extramuros acaba por ter um grande impacto, devido ao aparecimento de um grande núcleo de habitações num curto espaço de tempo.

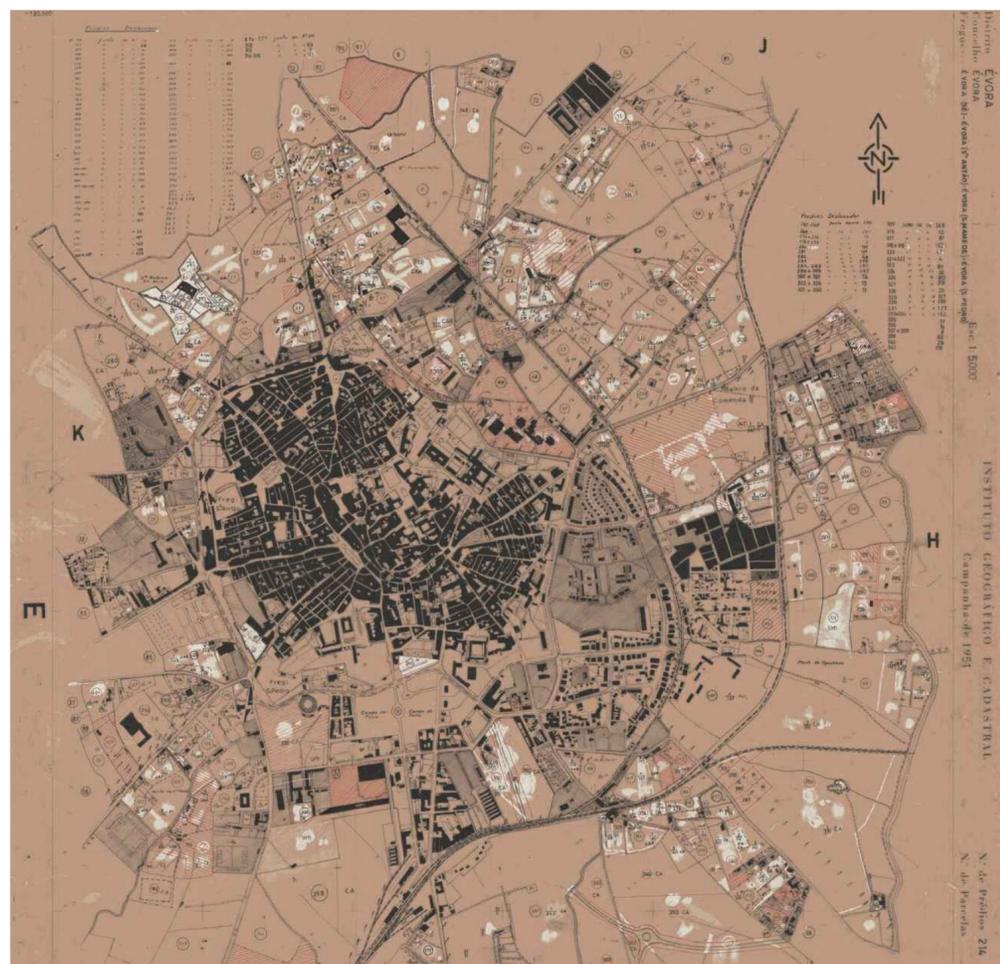


Fig. 27
Planta cadastral da cidade de Évora | 1951

Designação: Planta Cadastral da Cidade de Évora

Fonte: Direção Geral do Território

Arquivo: Direção Geral do Território

Data de Realização: 1951

Autor: Direção Geral do Território

Descrição Geral: Cadastro geométrico da cidade de Évora

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, da Direção Geral do Território, realizada em 1951.

A planta antiga da cidade, uma planta rigorosa, apresenta-nos as habitações com uma mancha preta. Abstraindo-nos, conseguimos ver esta mancha como um carimbo onde se percebe perfeitamente uma densa mancha no interior do perímetro fortificado. E no seu exterior uma mancha dispersa, com grande distinção entre o interior densificado e um exterior disperso que tenta de alguma forma respeitar a geometria que vem deste interior tão forte e característico.

Uma planta completa que também nos mostra os perímetros cadastrais da época.

No ano de 1944 Évora beneficiou de um conjunto de obras englobadas no Plano Rodoviário Nacional, na qual foram reparados ou construídos itinerários distritais.

Na planta cadastral da cidade de Évora de 1951, observamos que a via de

circunvalação entre a porta de Avis e a porta da Lagoa ainda se encontrava próxima da muralha, esta fazia o acesso às habitações existentes (hoje o acesso ao estacionamento), que, segundo a população residente de Évora, era descrita como *zona dos operários* por se encontrar próxima da fábrica dos Leões e ser habitada por muitos residentes trabalhadores, uma zona sem nome próprio, acabaria por sofrer alterações, encontrando-se como hoje a conhecemos.

Apesar de não ser visível na planta é importante referir que durante este período a cidade de Évora estava a ser "remodelada", incluído casas comerciais e serviços.

Na praça do Giraldo procedeu-se à redução do tabuleiro central em 1949 e em 1968 à retirada das grades pertencentes à fonte.



Fig. 28
Planta de Évora | (s.d.)

Designação: Planta de Évora

Fonte: Biblioteca Pública de Évora. Formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 231

Arquivo: Biblioteca Pública de Évora

Data de Realização: (s. d.)

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Planta do centro urbano da cidade de Évora

Observações:

Na planta antiga da cidade encontramos a representação de Évora, de autor e data desconhecido.

A planta apresenta-nos uma outra forma de representação, com os quarteirões a cheio e como já tinha-mos visto em plantas anteriores, os edifícios notáveis com um tom mais escuro, como nos faz referência a maior parte das plantas da riqueza arquitetónica que encontramos na cidade, marcando edifícios, a muralha e o Aqueduto da Água da Prata. Das plantas que temos conhecimento é a primeira planta devidamente cotada.

Apesar da planta nos mostrar o interior da cerca nova e o arranque do seu exterior é rica, com muito pormenor e precisão.

A planta que é apresentada será muito provavelmente desde 1950. Estando o interior da malha já densificado, o processo de crescimento da cidade no intramuros seria já

escasso. O que sabemos é que nesta altura foram implementadas medidas para a manutenção e valorização deste espaço interior.

No extramuros, a antiga estrada de circunvalação, de duas faixas de rodagem, tem o seu primeiro troço de alargamento para quatro faixas de rodagem em 1959.

Após o 25 de abril de 1974, a cidade cresceu planificada e com o incremento do turismo, decorrente da sua classificação como Património da Humanidade em 1986, verificaram-se transformações consideráveis a nível da hotelaria, da restauração e do comércio. O crescimento da Universidade e uma crescente vida cultural.

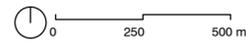


Fig. 29
Fotografia Aérea da cidade de Évora | 1947

Designação: Fotografia Aérea da Cidade de Évora
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Arquivo: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Data de Realização: 1947
Autor: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Descrição Geral: Fotografia Aérea da Cidade de Évora

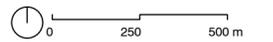


Fig. 30
Fotografia Aérea da cidade de Évora | 1958

Designação: Fotografia Aérea da Cidade de Évora
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Arquivo: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Data de Realização: 1958
Autor: Centro de Informação Geoespacial do Exército
Descrição Geral: Fotografia Aérea da Cidade de Évora

Observações:

Numa lógica de apresentação segue-se um conjunto de quatro fotografias aéreas da cidade, apresentadas a par. Uma técnica mais atualizada de representação da cidade, com registo de imagem com uma posição mais elevada, que nos mostra a cidade exatamente como ela se encontra numa data específica.

O agrupamento de fotografias do Centro de Informação Geoespacial do Exército (figura 29 e 30), dos anos 1947 e 1958. E da Direção-Geral do Território (figura 31 e 32), dos anos 1969 e 1980. Permitem-nos fazer uma abordagem geral do crescimento da cidade durante esta época.

Observando as fotografias aéreas é notório que em 1947 ainda tinha-mos uma cidade contida no perímetro muralhado, que começava a crescer timidamente na zona sul da cidade. Ainda fora deste perímetro é relevante as zonas de cultivo que se encarreiravam no exterior deste perímetro.

Passados dez anos, conseguimos ver o crescimento existente no exterior

deste perímetro, com a zona de urbanização número um já realizada, após o plano de Gröer. A cidade mostrava um grande crescimento num curto espaço de tempo.



Fig. 31
Fotografia Aérea da cidade de Évora | 1969

Designação: Fotografia Aérea da Cidade de Évora
Fonte: Direção-Geral do Território
Arquivo: Direção-Geral do Território
Data de Realização: 1969
Autor: Direção-Geral do Território
Descrição Geral: Fotografia Aérea da Cidade de Évora



Fig. 32
Fotografia Aérea da cidade de Évora | 1980

Designação: Fotografia Aérea da Cidade de Évora
Fonte: Direção-Geral do Território
Arquivo: Direção-Geral do Território
Data de Realização: 1980
Autor: Direção-Geral do Território
Descrição Geral: Fotografia Aérea da Cidade de Évora

Observações:

As fotografias aéreas da Direção-Geral do Território (figura 31 e 32), dos anos 1969 e 1980 retratam a cidade de Évora e respetiva envolvente. A cidade já tinha conhecido um crescimento alargado na sua orla principalmente a sul, este, sudeste e reconhece-se algum crescimento a oeste especialmente pela implantação do parque industrial de Évora nessa zona.

No ano de 1969 a cidade começa a desenvolver aglomerados habitacionais na sua secção noroeste, embora ainda de uma forma tímida, nesta altura já se poderia prever que algum do desenvolvimento de Évora iria passar por aquela zona, já no ano de 1980 é perfeitamente reconhecível o desenvolvimento da zona residencial da Tapada | Vista Alegre, apesar de ser pouco visível na imagem aérea é importante referir numa lógica de desenvolvimento que o bairro da Malagueira situado a oeste da cidade no ano de 1980 já apresentava alguns dos seus corpos habitacionais, estando à data em fase de construção.

o plano de Pormenor e o projecto de arquitetura da Malagueira foram entregues, em 1979, a um dos mais conceituados arquitetos europeus, Siza Vieira, já conhecedor da cidade de Évora. (...) A adopção da tipologia da casa-pátio de dois pisos, evolutiva, em banda e "back-to-back", implantada em submissão à tipologia do terreno e às pré-existências, possibilitam belas imagens de conjunto, com unidade e variedade formal, pouco frequentes em bairros desta natureza... (Almeida, 2001, p.163)

Em 1980 era possível ler os "sintomas" que a cidade ia apresentando na sua lógica de expansão (extramuros), toda a sua parte norte; zona do baluarte de São Bartolomeu, Aqueduto da Água da Prata e Forte de Santo António acabam por ficar expectantes, não se conhecendo desenvolvimento a partir das muralhas como se verificava em todo o perímetro de Évora.

Podemos reparar também que, apesar da cidade não ter crescido a norte o seu arranque de continuidade extramuros estava presente, as habitações em paralelo à muralha ofereciam um alçado norte à antiga estrada. Habitações essas que começam a "desaparecer" para se poder "fechar a nova" artéria de ligação da cidade, ficando alguns vestígios do passado como, um troço da antiga estrada e suposições de como seria o baluarte na sua forma original.

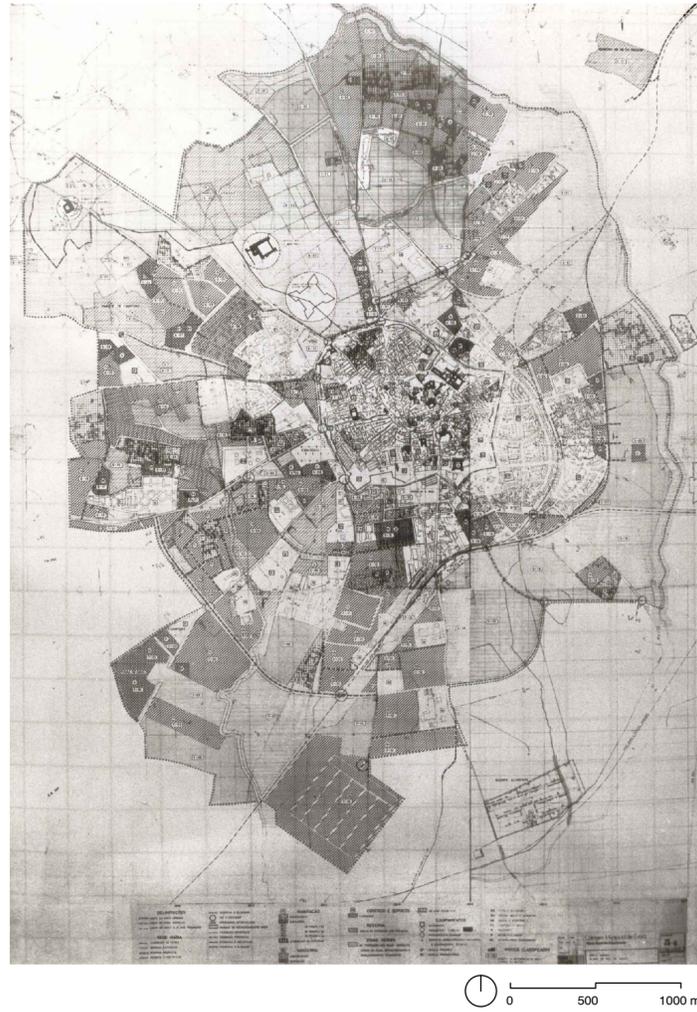


Fig. 33
Plano geral de urbanização | 1979

Designação: Plano Geral de Urbanização

Fonte: Riscos de um Século - Memórias da Evolução Urbana, p. 154. Atelier II - Coord. Arqs. Manuel Salgado, Luís Jorge e Bruno Soares

Arquivo: Câmara Municipal de Évora

Data de Realização: 1979

Autor: Autor desconhecido

Descrição Geral: Plano Geral de Urbanização de Évora

Desenvolver a zona industrial e incrementar a construção dos equipamentos necessários.

O plano ganha eficácia legal após a sua aprovação superior em 1985.

A partir de 1980, iniciaram-se trabalhos de urbanização de espaços verdes, sobretudo de arruamentos e de espaços abertos dos novos bairros e de grandes espaços urbanizados, como o Parque Industrial, as rotundas e a nova avenida Túlio Espanca.

Observações:

Na planta antiga encontramos a representação do plano geral de urbanização de Évora, de autor desconhecido, realizada em 1979.

O plano geral de urbanização mostra uma planta complexa com a organização da cidade por delimitação de terrenos, rede viária, habitações, indústria, zonas de reserva, zonas verdes, equipamentos e imóveis classificados.

O plano geral de urbanização de 1979 tinha como principais objetivos:

A reabilitação dos imóveis do Centro Histórico, em particular da habitação e a preservação do património arquitetónico e cultural.

A definição de uma grande zona de intervenção extramuros, abrangendo todos os bairros periféricos. E de uma outra área de transição.

Contrariar a construção em alta, limitando os edifícios, na sua maioria, de dois e quatro pisos, em novas zonas.

Ampliar e melhorar a estrutura viária.

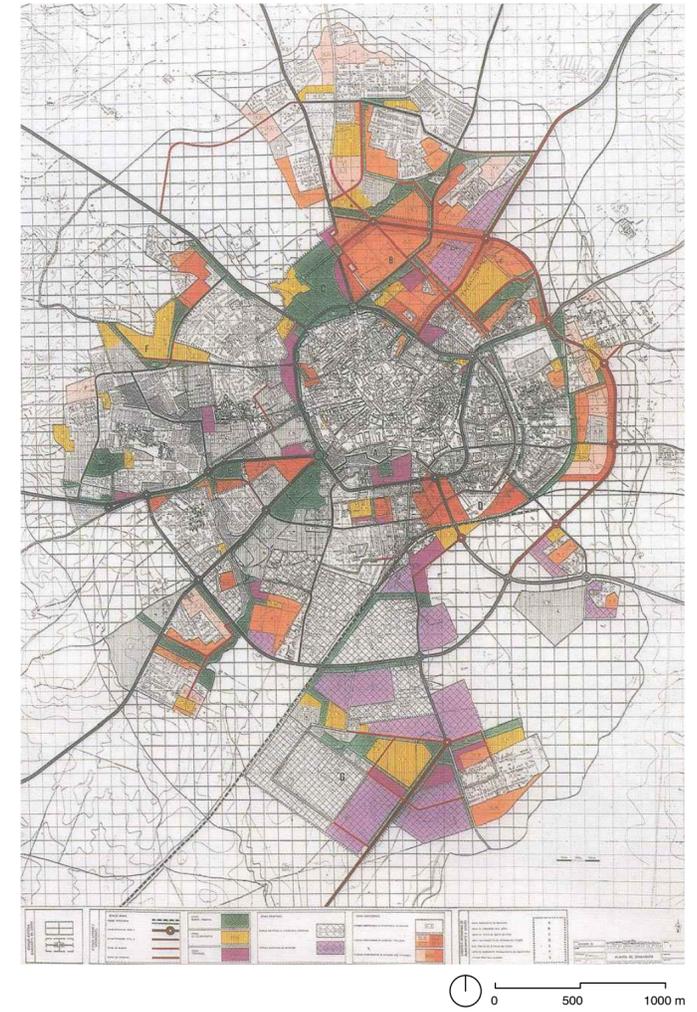


Fig. 34
Plano de urbanização - Planta de zonamento | 1991

Designação: Plano de Urbanização - Planta de Zonamento

Fonte: Câmara Municipal de Évora. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Arquivo: Câmara Municipal de Évora

Data de Realização: 1991

Autor: Coordenação: Eng. Jorge Carvalho

Descrição Geral: Plano de urbanização de Évora - planta de zonamento. Revisão do plano de urbanização e do plano diretor Municipal

O plano procurou assim conjugar o futuro ordenamento da cidade com a estratégia global de desenvolvimento preconizada pelo plano estratégico.

Observações:

Na planta antiga encontramos a representação do plano de urbanização de Évora, planta de zonamento, realizada com a coordenação do engenheiro Jorge Carvalho, realizada em 1991.

A revisão do plano geral de urbanização e do plano diretor municipal tinha como principais objetivos:

A delimitação precisa dos novos limites urbanos da cidade.

Um salto qualitativo no processo de preservação/recuperação do centro histórico.

O alargamento da política de preservação do património a todo o território.

A construção de novos equipamentos ou conjuntos arquitetónicos representativos da modernidade da cidade.

O fomento da diversidade de funções de cada uma das zonas da cidade.

A introdução dos conceitos de equidade que permitiria um tratamento igualitário de todos os proprietários e promotores no interior do perímetro urbano.

ETAPAS FUNDAMENTAIS DA EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE

■ Templo Romano



Fig. 35 | 36
1_20000

SÉCULO IV | CERCA VELHA

Sobre a cidade de Évora, segundo o que sabemos, na época neolítica já apresentava ocupação humana. A sua área de implantação encontrava-se estrategicamente localizada, a nível geográfico, por se situar numa zona alta e de separação de três bacias hidrográficas, o Tejo, o Sado e o Guadiana.

Segundo Túlio Espanca, as primeiras referências escritas acerca da cidade foram no século I que "(...)provêm de Pompónio Mela e Plínio, chamando-lhe este escritor *Ebora Cerealis*, título proveniente da fertilidade do seu termo". (Espanca, 1966, p. 3)

Posteriormente, ocupada pelos Romanos, que segundo Fernando Correia (2017) reflete-se em vestígios como o templo e o primeiro recinto muralhado, correspondente à cerca velha de século IV, demonstrara uma métrica romana.

Em que no período romano, a estrutura radiocêntrica foi-se definindo conjuntamente com a cidade. A acrópole, tinha uma posição central, ocupando a sua parte mais elevada, no ponto de interligação das principais redes viárias.

... era limitada por uma cinta muralhada de cerca de 1080 metros de extensão na qual se abriam quatro portas, cuja localização procurou adaptar-se às condições topográficas, à estrutura viária exterior e à organização urbana interior, não permite uma clara definição dos eixos estruturantes das cidades romanas: o cardo (eixo N|S) e o decumano (eixo E|W).

(Ribeiro, 1986, p. 381)

Considerando a descrição de Orlando Ribeiro, as portas estavam orientadas segundo os pontos cardiais. E destes pontos cardiais partiam duas vias que se cruzavam na acrópole, que correspondia ao centro da cidade, zona compreendida entre o Templo Romano e a atual Sé.

A partir das quatro portas deveriam prolongavam-se os eixos que asseguravam a ligação da cidade a outros centros importantes.

Com a expansão da cidade o prolongamento dos eixos, por influência tornaram-se vias e posteriormente em ruas principais, quando esta extravasou a cerca primitiva.



1166 | FORAL

Após a queda do Império Romano, Évora passa por um longo período visigodo e árabe, mantendo-se como um centro económico e militar importante.

A área urbana da cidade extramuros ia sendo constituída por arrabaldes diferenciados pelas comunidades. Estes arrabaldes mais tarde seriam os alicerces do desenvolvimento da cidade na era Cristã.

O que podemos depreender é que a cidade fora do perímetro muralhado apresentava um traçado irregular, com grande predominância na Mouraria onde é bem visível as direções irregulares, as ruas estreitas que por vezes desembocam em zonas sem saída.

"a ocupação árabe terminou em 1165, quando Giraldo Sem Pavor conquistou a cidade e a integrou na coroa de D. Afonso Henriques. Évora iria conhecer um novo período de desenvolvimento e reforçar a sua posição na rede urbana do país".

A cidade de Évora tornara-se assim num centro estratégico e político importante, da qual lhe foi concedido o foral em 1166, "(...) estabelecendo nela a sede da Ordem Militar de São Bento de Calatrava, que, mais tarde, se transformou em Ordem de Avis". (Simplicio, 2003, p. 4)

Após ter sido concedido o foral a Évora, a primeira grande obra edificada foi a Sé fundada em 1204.

O interior da cerca velha foi progressivamente ocupado, limitando o seu espaço interior, ocorrendo a implantação de edifícios conventuais fora do perímetro muralhado como São Francisco e São Bento de Castris no século XIII e São Domingos no século XVI. Simultaneamente expandiam-se os arrabaldes, para fora deste perímetro.

SÉCULO XV | CERCA NOVA

O processo de expansão urbana, apesar da relativa regularidade dos quarteirões, não ocorreu de forma planificada. A cidade foi crescendo pontualmente perto das portas de entrada na cidade, moldada aos antigos caminhos existentes da época.

A cidade começou a tornar-se dispersa pela primeira vez. Nela consistia a cidade dentro da cerca velha e os arrabaldes que começavam a ser construídos fora deste primeiro perímetro muralhado até meados do século XIV.

A construção da cerca nova possibilitou a integração dos arrabaldes na cidade, esta nova cerca muralhada iniciada em 1350, durara cerca de um século, que terá sido concluída cerca de 1440.

Segundo Túlio Espanca, apesar de não compatível com a mesma, a designação de muralha Fernandina deve-se ao facto de durante o reinado de D. Fernando se dar um desenvolvimento mais rápido na construção da muralha, inclusive por se "abrir" a cerca velha para a utilização dos mesmos materiais nesta nova cerca, ficando a cidade desprotegida até se completar a construção desta.

... compreendeu um círculo irregular com muro e barbacã na extensão de 3500 metros, atacado de 30 a 40 torres redondas ou quadrangulares (plano de Nicolau de Langres, 1660), com dez portas e dois postigos de emergência. É designada de cerca nova e por alguns autores modernos, impropriamente de fernandina, muito embora na administração deste príncipe a obra da fortificação atingisse o seu maior incremento (12 a 20 torreões são desta época).

(Espanca, 1996, p. 5)

SÉCULO XVII | BALUARTES

o terceiro e último campo fortificado teve origem primordial no levantamento dos portugueses contra Filipe IV e na prolongada luta pela independência que nos moveu a coroa de Castela durante 28 anos (1640-1668). Sofrendo inúmeras modificações, teve larga representação no capítulo da engenharia militar da época e foi examinado com estudos levantados, em 1642; Nicolau de Langres, 1648-60; Bartelomy Zanit e Pierre de Saint-Colombe, 1657-1663; Simão Joquet e Jean Brivois, 1660 e ainda pelo artista Allain Manesson Mallet, 1666, sob proteção do Mestre de Campo General Conde de Schomberg. (Idem, p. 5)

Entre os séculos XV e XVI, uma cidade prestigiada em termos nacionais, "constitui o culminar desse período de riqueza e importância política, económica, cultural e artística. Este facto deve-se à escolha da cidade de Évora, durante este século, para estadas prolongadas da corte, o que originou a construção do Paço Real (Palácio de D. Manuel)", um período de riqueza que originou a construção de palácios, casas de residência nobre, conventos, igrejas entre outros edifícios notáveis.

(Simplicio, 2003, p.15 e 16)

E ainda de salientar da mesma época o Aqueduto da Água da Prata inaugurado em 1537. Foi também neste período, ano 1559, que data a fundação da Universidade, concretizada com o patrocínio do Cardeal D. Henrique.



Fig. 40 | 41 | 42
1_20000

1863 | LINHA DE CAMINHO DE FERRO

Em Évora, como noutras cidades, a instalação do caminho de ferro em 1863 e a definição da estação ferroviária como novo elemento estruturante da organização urbana, favoreceram o desenvolvimento de novas expansões, impulsionando o crescimento extramuros em direção ao sul.

Surgindo também no princípio do século XX de uma forma mais espontânea, outros núcleos urbanos na zona norte da cidade destinados a trabalhadores associadas à Fábrica do Leões, instalada em 1916.

No entanto, o crescimento fora do perímetro muralhado foi muito lento até 1916

A partir dos finais do século XIX inícios do século XX,

... com a estabilização da fronteira e com a identidade nacional, Évora deixa de ter a importância militar que tinha até então (...) A partir da segunda metade do século XX, a cidade começou a crescer muito desordenadamente, em torno de bairros, na sua maioria de génese clandestina e que marcaram bem o tipo de crescimento a partir dessa altura. Em 1920 registou-se um importante período de crescimento no Bairro dos Leões. (Nourissier, Telles, Houben, Blanco & Teixeira, 2006, p. 199)

A implantação da população residente no século XX realizou-se ainda, em maior parte, de forma clandestina, o que provocou um crescimento desordenado da malha urbana extramuros, em que estes aglomerados acabavam por se desenvolver muito próximo das zonas de trabalho.

A evolução da cidade foi feita progressivamente sem grandes sobressaltos desde a Évora romana até à primeira metade do século XX.

... encontrando-se preenchida quase na totalidade a malha urbana da cidade intramuros, pelo que praticamente toda a expansão urbana extramuros teve lugar durante o século XX, embora os ritmos de construção, a natureza do processo construtivo e o enquadramento nas estratégias de desenvolvimento municipal apresentem significativa variação ao longo das décadas. (Simplicio, 2009, p. 32)

Entre os anos de 1920 a 1930 "construíram-se os campos desportivos e o núcleo dos bairros de Santa Maria, da Senhora da Glória e do Chafariz d'el Rei, afastados do chamado centro histórico, ou seja, do perímetro definido pela última muralha; de 1930 a 1940 continuam a aparecer bairros no Rossio e no Chafariz d'el Rei (...)

Nos anos cinquenta há cada vez mais proliferação destes bairros; esta mancha de crescimento vai continuar a verificar-se sem parar até aos anos setenta". (Nourissier et al., 2006, p. 199)

Observando o início do crescimento dos bairros é sugestivo visualizar a página 25,

para perceber o resultado do crescimento destes bairros.

- 1900 - 1960
- Intramuros
 - 1 | Convento Stª. Catarina
 - 2 | Convento Stª. Mónica
 - 3 | Convento Salvador
 - 4 | Convento Paraíso
 - 5 | Paço Real
- Extramuros
 - 6 | Estação de caminho de ferro
 - 7 | Bairro Operário
 - 8 | Fábrica dos Leões
 - 9 | Bairro dos Leões
 - 10 | Bairro Pereira
 - 11 | Bairro Stª. Glória
 - 12 | Chafariz d'el Rei
 - 13 | Poço entre as vinhas
 - 14 | Rossio
 - 15 | Três Bicos
 - 16 | Zona de urbanização n.º2
 - 17 | Bairro Stª. do Carmo
 - 18 | Salasianos
 - 19 | Nogueiras
 - 20 | Zona de urbanização n.º1



1937-1939 | ANTE-PLANO DE URBANIZAÇÃO

O ante-plano para a cidade de Évora de 1937-1939, encontrando-se ainda um pouco embrionário, sendo "implantados" apenas pequenos troços, no ano de 1939. O ante-plano de urbanização ajudou a impulsionar novos planos. A partir do 25 de Abril de 1974, por ação municipal, foi feito um grande esforço na recuperação dos bairros clandestinos, aceitando a dispersão que já existia na malha até aquela data.

A preocupação primordial assentava na recuperação dos bairros clandestinos que, com a aprovação do primeiro plano de urbanização, são integrados e dotados de infra-estruturas de qualidade. Embora se tenha perdido uniformidade urbanística, nos bairros dispersos e nas pequenas habitações ao longo da malha.

Dois fatores importantes que contribuíram para a estruturação da reabilitação do centro histórico, foi a sua classificação pela UNESCO Património da Humanidade. E a reabertura em 1973, pelo ministro da Educação José Veiga Simão, do Instituto Universitário de Évora, que deu lugar em 1979 à Universidade de Évora.

Entre os anos de 1980 e 2000 a cidade de Évora teve um grande crescimento, com uma elevada densificação de construção extramuros.

Os antigos bairros clandestinos foram recuperados e a construção de novos eixos viários dava qualidade a estes bairros.

O grande crescimento da cidade deu-se sobretudo a oeste na zona do bairro da Malagueira e do Alto dos Cucos. Mas também a norte na zona do bairro do Bacele e Frei Aleixo e a sul na zona da Horta das Figueiras.

a recuperação de muita da construção extramuros, dando uma imagem de mais qualidade, tem tido alguns casos de sucesso. Nas construções de raiz clandestina não tem havido muita recuperação, mas nos espaços públicos e nos novos empreendimentos urbanísticos tem sido conseguido um crescimento de forma ordenada, principalmente a partir do Plano Urbanístico para Évora do ano 2000, que dotou a cidade de um conjunto de regras que têm sido positivas. O objetivo é articular o centro histórico com os bairros periféricos, de modo a que Évora funcione como uma única cidade e não haja uma lacuna entre as zonas intramuros e extramuros.

(idem, p. 200)



35

- 1960 - 2000
- Extramuros
- 21 | Torraiva
- 22 | Tapada | Vista Alegre
- 23 | Zona industrial n.º1
- 24 | São José da Ponte
- 25 | Cruz da Picada
- 26 | Santa Maria
- 27 | Escurinho
- 28 | Garcia de Resende
- 29 | Bairro Sr.ª da Saúde
- 30 | Bairro da Comenda
- 31 | Bacele
- 32 | Malagueira
- 33 | Alto dos Cucos
- 34 | Torregela
- 35 | Zona industrial Almeirim Sul
- 36 | Zona industrial Horta das Figueiras
- 37 | Casinha



Fig. 43 | 44
1_20000



Fig. 45
1_20000

ATÉ À ATUALIDADE

No final do século XX a preocupação era

(...) gerar desenvolvimento económico e criar mais e melhor emprego. Há o problema da população envelhecida, por isso continua a ser necessário que a cidade se desenvolva também para os mais idosos e para os mais carentes, de modo a proporcionar vivências de qualidade e de segurança.

As cidades vivas têm de continuar a produzir património, porque este não é uma coisa do passado, é a interligação entre as diversas ocupações e vidas ao longo dos tempos. Preservar o património, por um lado, e continuar a construí-lo, por outro, através da contemporaneidade das intervenções é o que deve ser praticado.

(idem, p. 200)

"a acrópole eborense, apesar das sucessivas alterações que deteve ao longo dos séculos, manteve certas particularidades transversais à sua própria evolução: a permanência de uma lógica de centralidade e exaltação dos símbolos sócio urbanos por excelência, numa integração clara com o contexto social que os motivaram".

(Val-Flores, 2008, p. 22)

Após a saturação do primeiro perímetro muralho de Évora, cerca velha, a cidade deixou de ter (perdeu) capacidade infraestrutural para os seus habitantes, com a necessidade de construir extramuros, foi nessa altura que se deu a segunda fase da expansão com a construção dos arrabaldes em torno da antiga muralha, essas zonas habitacionais albergavam sobretudo comunidades moura e judaica e deram origem a

sectores como, a judiaria e a moraria, estes novos setores habitacionais conheceram um alargamento progressivo e não tardou muito a que a segunda fase da construção de Évora, zona compreendida entre a cerca velha e a cerca nova, ficasse lotada, mais uma vez a cidade vive um período próspero em número de habitantes e necessita novamente de se expandir.

Já fora da cerca nova, a continuação da construção de arrabaldes permanecia e a necessidade de se criar planos urbanísticos, para que esta "nova" cidade fizesse parte integrante era fundamental.

Durante todas as fases a cidade progressivamente foi crescendo, ocupando os seus perímetros muralhados. Hoje sem a necessidade de um limite físico, a cidade tornou-se mais dispersa. Com grande ênfase na zona norte, em que o aglomerado se encontra sem ligação com o centro urbano devido à sua distância considerável. Um espaço expectante de facto entre o centro urbano densificado e a construção dos bairros a norte, zona da muralha, com uma envolvente, de muralha, aqueduto da Água da Prata e baluarte São Bartolomeu. Podemos considerar que o facto de não existir um "arranque" de construção nesta zona tão interessante possa ter "desmotivado" o seu possível desenvolvimento, de ligação aos bairros norte. Já José Barbosa (2001) defende que o possível crescimento da cidade moderna pode estar comprometido pelo facto de um dos limites da cidade ser a estrada de circulação.



04 ÉVORA. A CIDADE E O SÍTIO ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA

PORTAS DA CIDADE

As portas na cidade eram pontos estratégicos para a troca de bens, criando um limite entre a defesa e a exposição ao ataque. Hoje ainda têm uma influência direta no dinamismo da cidade, fazendo parte integrante do desenvolvimento de uma rua, influenciando diretamente o desenho da malha urbana.

Fig. 46
1_10000



Fig. 47
Nova Porta de Avis | cerca de 1850



Fig. 49
Nova Porta de Avis | década de 60



Fig. 48
Nova Porta de Avis | 1938



Fig. 50
Nova Porta de Avis | década de 70-90



Fig. 51
Recuperação da Porta de Aviz | década de 60



Fig. 52
Recuperação da Porta de Aviz | década de 60



Fig. 53
Porta de Aviz | década de 60



Fig. 54
Porta de Aviz | década de 60

PORTA DE AVIS

A porta de Avis, sublinha Afonso de Carvalho, que já no século XIII, anteriormente ao seu nome próprio eram associados dois topónimos, o arrabalde de Avis e a "via q. dicitur de Avis", no século seguinte, a Rua e a Porta de Avis.

(Carvalho, 2007, p.292)

Segundo Túlio Espanca a primeira porta de Avis é das mais antigas do perímetro medieval, deve datar de 1381.

(Espanca, 1966, p.14)

A porta de Avis é, à semelhança de todas as portas um acesso ao centro da cidade através dos seus arruamentos. A fonte que atualmente embeleza o jardim do largo, teria sido aí colocada em 1923, anteriormente teria havido um fontenário, que por sua vez substituiu o chafariz, implantado pelo menos desde os finais do século XVI.

Cerca de 1484, construiu-se a capelinha da N^ª Senhora do Ó, também designada por N^ª Senhora da Expectação do Parto ou simplesmente por N^ª Senhora do Parto. Esta ermida teve obras de melhoramento em 1525, quase destruída em 1663, provocada por uma invasão espanhola. Ainda nesse século, em 1671, foi restaurada pelo sacerdote Manuel Figueira.

Apesar de muito pequena, a Ermida de N^ª Senhora do Ó tinha confraria própria e nela dizia-se missa todos os domingos e dias santos, ficando os fiéis do lado de fora, no Largo, e o celebrante no interior da ermida, junto à janela.

(Carvalho, 2007, p.293 à 295)

A porta de Avis sofreu alterações, como já foi referido, devido à destruição de 1663 e com uma última alteração em 1804, embora sem se alterar as suas estruturas fundamentais.

Completamente "reformada" no ano de 1804, os "engenheiros construtores" das fortificações modernas abriram outra comunicação ao lado, a nova porta de Avis, ordenando o entaípe da velha porta.

Como já referido a nova porta de Avis foi aberta ao lado da primeira porta no ano de 1804 mantendo

(...) características militares do setecentismo, com duplo arco e tunel pouco profundo, sendo o arco exterior redondo, de granito chanfrado metido em pórtico apilastrado e de arquivada, com tímpano triangular ornamentado por fogaréu de relevo, tudo trabalho de alvenaria almofadada, e o frontispício composto por uma lápida marmórea onde se lê esta legenda:

NOVA PORTA DE AVIZ ABERTA NO ANNO DA ESTERILIDADE DE 1804 SENDO REGENTE DO REINO O PRÍNCIPE D. JOÃO PAIDSEVSVASSALLOSPIEDOSOFILHODED.MARIAI OS CIDADÃOS PVZERÃO AQVI AOS VINDOVROS ESTA MEMORIA. (Espanca, 1966, p. 14)

A primeira porta para acesso quase direto ao terraplano do baluarte de S. Bartolomeu, e a nova para acesso mais fácil ao exterior do recinto fortificado.

Esta nova porta era protegida a nascente pelo flanco esquerdo do baluarte de S. Bartolomeu, e a poente pela antiga torre de planta quadrangular, hoje ainda existente, a uma distância de apenas quarenta metros. No pequeno troço de ligação desta torre à muralha da cerca nova, existe um portal gótico, presentemente entaipado, que em tempos permitia o acesso à cava da barbacã.

Desta torre, a muralha em *dente de serra* recua dez metros para o interior do recinto, seguindo depois até à porta da Lagoa formando seis troços com cerca de cinquenta e cinco metros de comprimento, alternando com refregas defensivas de sete a oito metros. A meio do quarto troço o aqueduto "galga" a muralha, sendo a parte final do quinto troço reforçada com torre em planta quadrangular adossada pelo exterior. "a torre é totalmente maciça, e dotada de acesso à plataforma superior através do adarve. Na sua base de 6 x 5 metros possui, à semelhança das outras torres desta cerca, um atravessamento (hoje muito atarrado) que permitia a comunicação entre os espaços interiores da antiga barbacã". (LIMA, 1996, p. 43 e 44)

a alta torre de planta quadrangular se ergue a escassos metros na banda sul-oeste: defendia a entrada da cidade e nela se rasga um portal gótico de acesso à cava da barbacã, tapado na actualidade. O lanço seguinte, entre as portas de Avis e da Lagoa, passante de trezentos metros de extensão, com suas represas, cunhais aparelhados, caminho de ronda utilizável, embora parcialmente obstruído entre casario moderno e tapumes utilitários, está completo e termina aproximadamente no cutelo de protecção desta última porta que, do mesmo modo, tem comunicação primitiva da barbacã.

(Espanca, 1966, p. 14)

Junto à porta de Avis, intramuros, o largo só parece ter começado a estruturar-se com o formato que hoje apresenta, a partir do último quartel do século XVI. Nele desenvolviam-se uma série de atividades.

(Carvalho, 2007, p.292)

Quem saísse pela porta de Avis encontrava uma primeira Ermida, em honra de S. Bartolomeu, existia no local onde hoje estão as ruínas da igreja seiscentista, de invocação ao mesmo santo. Aquela ermida, da qual se desconhece a data de construção, ainda se erguia em 1536, pois neste ano citava-se a:

"alagoa da charneq que he abaixo da cabeça honde esta ha igreja de sam bartolomeu(...)"

(Idem, p. 295)

(...) em 1883, na sessão camarária de 23 de Junho, decidiu-se que as imagens de S. Bartolomeu e de N^ª S^ª da Paz (uma vez que a igreja apresentava sinais de ruína iminente) fossem recolhidas (...) em Fevereiro desse ano desmoronou-se o templo por completo, ficando apenas de pé a capela mor e uma parede lateral. (Carvalho, 2007, p.296)

À semelhança do que acontecia em quase todas as outras portas, também nesta havia um *cruzeiro*, embora só se tivesse o conhecimento dele a partir do século XVII. Esta cruz localizava-se num *chão* junto à estrada que ia para Estremoz, era de mármore e estava sobre um suporte com cinco degraus.

(Idem, p.297)



Fig. 55
Festa no Largo de Avis | 1900



Fig. 57
Largo de Avis | década de 60



Fig. 56
Largo de Avis | 1910



Fig. 58
Largo de Avis | década de 70



Fig. 59
Porta da Lagoa | década de 70-90



Fig. 60
Porta da Lagoa | década de 70-90

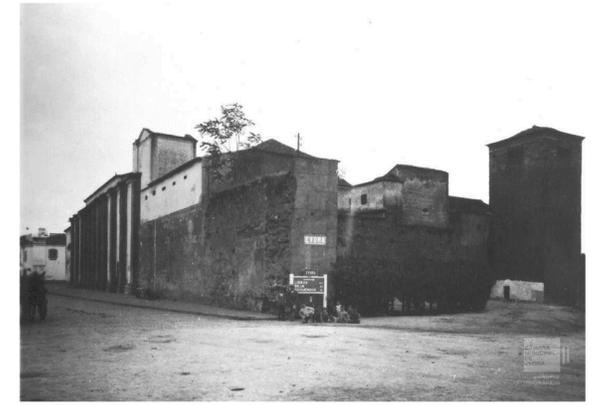


Fig. 61
Porta da Lagoa | década de 70-90



Fig. 62
Porta da Lagoa | década de 40

"aproveitando uma pequena elevação do terreno, onde desde o primeiro quartel do século XVII se erguia a Igreja de S. Bartolomeu, foi levantado o baluarte", que tomou o nome da referida igreja.

A partir do século XIX,

(...)começa a generalizar-se, nas diversas elites de Évora, uma mentalidade progressista que defendia, em termos de urbanismo, as alamedas, as ruas largas, rectilíneas e desimpedidas.

É, no entanto, nesta perspectiva que, num jornal de Évora de 1862, se pode ler: *A porta chamada d'Aviz é realmente a entrada dum verdadeira aldeia, o grande pejamento que lhe causam os alpendres, troncos, e bancos de ferrador collocados mesmo junto da porta embaraçando os transeuntes são o padrão da nossa indolência.* O artigo de opinião, acaba por defender a ideia, bastante generalizada, de que era necessário alterar as praças e as ruas da cidade, a fim de que perdesse o aspeto de aldeia e se aproximasse dos padrões das cidades progressistas e civilizadas. (Idem, p.298)

A recuperação da velha porta de Avis foi realizada em meados de 1960, estado em que hoje se encontra.

PORTA DA LAGOA

a designação desta porta deve-se ao nome da rua que nela vai desembocar. A lagoa que deu o nome à rua e posteriormente à porta, a *lagoa de Brita Fios*, situava-se na actual Rua do Muro (...) a propósito do topónimo Rua da Lagoa. (Carvalho, 2007, p.300)

Túlio Espanca refere que a porta a Lagoa estava "enclavada na reprega do muro voltado ao lado sul, sotoposta a seteiras obstruídas e é formada por arco de granito de meio ponto com aduelas arredondadas e ábacos emoldurados, muito salientes. Encontra-se meio enterrada pelas terras adventícias do fosso."

Nos finais do século XV, foi demolida e feita outra entrada, de maiores proporções com a sua frente virada a norte, da qual não existem vestígios por demolição em 1845. "esteve ornamentada com pinturas históricas e religiosas, a fresco, feitas no ano de 1619(...)"

Próximo da porta da Lagoa, a torre quadrangular, servia de defesa da mesma, mais tarde, no ano de 1571, foi cedida à população por D. Sebastião para miradouro e recreio das freiras. Muito atingida pelos militares em 1663, sofreu uma vultuosa reparação no ano de 1696, data da atual cobertura de quatro águas e das grilhagens de tijolo. (Espanca, 1966, p.11 e 12)

Até ao século XVI, a área intramuros, próxima desta porta, constituía um amplo terreiro que se prolongava até à porta de Alconchel. Neste terreiro de contornos difíceis de precisar, erguia-se, aproximadamente onde hoje se situa o Convento do Calvário, "(...) a Ermida da Santa Vera Cruz, já referida pelo menos desde 1399, esta mais tarde foi demolida. Onde nascia, o Convento de Santa Helena do Monte do Calvário". (Carvalho, 2007, p.300)

Do lado exterior desta porta não se devia ter formado qualquer terreiro. Pela porta da Lagoa saía a estrada para Arraiolos e Montemor e "(...) do lado direito de quem saísse por esta porta, corria um caminho que ia ter à Porta de Avis".

(Idem, p.301)

A porta medieval da rua da Lagoa manteve-se, com pequenas alterações, na sua configuração inicial até meados do século XIX, altura em que esta foi demolida para facilitar o trânsito viário.

Só, em 1889, é que esta porta ficou com a configuração que hoje apresenta, mantendo a designação que lhe vem do século XIV.

(Idem, p.302)



Fig. 63
Nova Porta de Avis | década de 40



Fig. 64
Porta de Avis | 2017



Fig. 65
Porta da Lagoa | década de 60-70



Fig. 66
Porta da Lagoa | 2017

Entre a porta de Avis e a porta da Lagoa a muralha mantém um traçado *em dente de serra*, muito pouco visível devido ao facto de estar parcialmente absorvida pelo casario. As duas torres têm os acessos bloqueados, não tendo as plataformas superiores qualquer utilidade. Quase todo o troço está desprovido de ameias (defesa, pequenos intervalos na parte superior da muralha), com exceção de uma pequena extensão junto à porta de Avis.

Comparando o agrupamento de imagens da porta de Avis, figura 63 do ano 1940 e a figura 64 do ano 2017 é de grande evidência as alterações ocorridas ao longo dos anos. Nesta zona já se tinha conhecido uma possível expansão (habitacional) para fora de muralhas, comparando as duas imagens conseguimos observar que a via próxima da muralha nos anos 40 era uma via principal que ia desembocar num largo que se situava à frente da porta de Avis. Esta via era ladeada de habitações adossadas à muralha que potenciavam a relação da cidade intramuros e extramuros. Hoje encontramos uma zona "limpa" sem qualquer identidade, pois esta via que em tempos era uma rua hoje é um acesso secundário ao estacionamento existente. Podemos observar também os acessos viários criados para uma melhor circulação automóvel em que grande parte da zona à frente da porta de Avis foi absorvida. A nova porta de Avis em grande parte mantém as suas características iniciais, como já referido as grandes alteações são na sua envolvente.

Comparando o agrupamento de imagens da porta da Lagoa, figura 65 entre ano 1960-1970 e a figura 66 do ano 2017, as alterações não são de grande expressão nos últimos 50 anos mantendo-se esta porta em conformidade. As alterações mais relevantes encontram-se na rede viária, como já aconteceu na porta de Avis, com

a implantação de uma rotunda para facilitar o acesso.

Com alteações durante os anos é de grande importância refletir o que eram e são estes sítios, não os encarando apenas como "pontos" de acesso, mas pela sua riqueza histórica e arquitetónica.

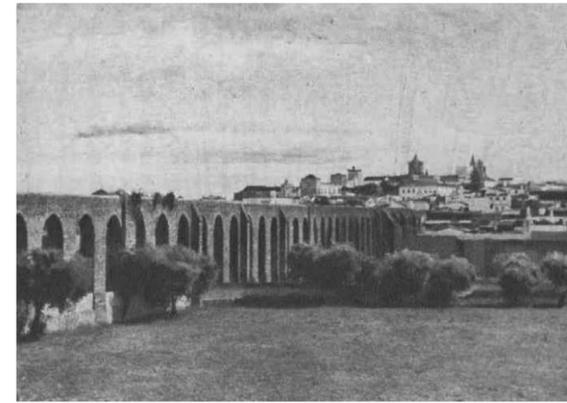


Fig. 67
Aqeduto da Água da Prata | (s.d.)

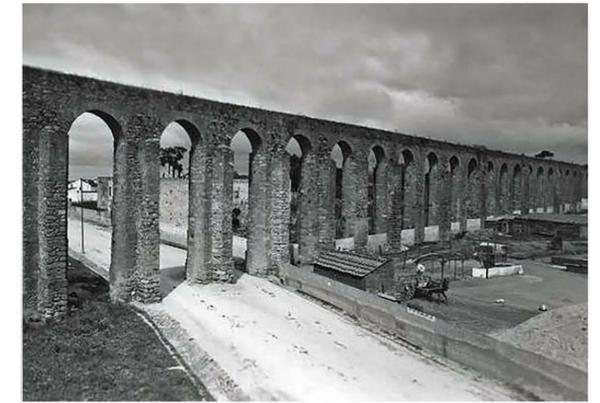


Fig. 69
Aqeduto da Água da Prata | 1940-1960



Fig. 68
Aqeduto da Água da Prata | 1908



Fig. 70
Aqeduto da Água da Prata | década de 40

AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA

O arranque das obras de construção do aqueduto, ocorreu no ano de 1531, sob a direção técnica de Francisco de Arruda, mestre de obras reais no Alentejo.

"a inauguração do aqueduto teve efeito na tarde de 28 de Março de 1537, com lançamento das primeiras águas através das bocas de mármore, do primitivo chafariz da Praça do Geraldo, que ficava sotoposto ao arco triunfal romano ..."

O Aqueduto da Água da Prata vem das nascentes situadas na Graça do Divor.

... principia o aqueduto nas nascentes ou minas de Graça do Divor, a 18 310 metros de distância dos muros quatrocentistas da cidade e a sua condução, que se faz por gravidade em tubagem subterrânea, ultimamente melhorada, é assinalada, poço a poço, na região original e em grande parte do percurso, por torrinhãs de alvenaria de secção circular, que imprimem à zona quase peneplana particular curiosidade. (Espanca, 1966, p.106)

Defende-se que até à construção do chamado Aqueduto da Água da Prata o abastecimento de água potável era confinado a uma escala familiar e era feito, a partir de poços e de cisternas, individuais ou de servidão pública, ou por aguadeiros, devido a Évora se encontrar afastada dos cursos de água.

A captação de água subterrânea efectuou-se na região da Graça do Divor, como foi anteriormente referido, em solos de formação granítica e nas nascentes de antiguidade tradicionalmente romana. O seu transporte até à zona de utilização, no centro da cidade antiga, faz-se por troços subterrâneos, superficiais e aéreos, conforme a topografia natural. Em planta, o traçado acompanha de perto as curvas de

nível do terreno, a fim de manter um declive constante.

(Monteiro, Jorge, 2007, p.93 e 94)

o trecho mais imponente e alteroso situa-se na Estrada de Circunvalação, ao atingir e ultrapassar a muralha medieval e no prolongamento da Rua do Cano, estando nestes pontos fortemente reforçado por botaréis de andares de aparelho fruste e irregular, mas de nítida robustez. (Alt. máx. neste ponto: 25,93m). (Espanca, 1966, p.107)

O aqueduto da Água da Prata pelo seu traçado constitui uma belíssima intromissão na arquitetura militar da cidade, próximo da porta da Lagoa, com um desenvolvimento ortogonal em relação à muralha, transpondo-a. Apresentado ali um ambiente monumental de todo o seu traçado aéreo, com início no monte de São Bento de Cástris.

(Monteiro, Jorge, 2007, p.94)

CONJUNTO ABALUARTADO

CRONOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

- 1640 - 50** | Construção do Baluarte de Nossa Senhora de Machede;
- 1650** | Edificação do Forte de Santo António, a fim de proteger o Convento de Santo António da Piedade;
- 1651** | Construção do baluarte do Príncipe, do Conde de Lippe e do Assa, segundo autoria de Nicolau de Langres;
- 1651 - 52** | Construção do baluarte do Picadeiro, segundo plano de Diogo de Prado Osório;
- 1653** | Continuação das obras no Forte de Santo António;
- 1663** | Arruinada da Guerra, a velha Porta de Avis perde a sua função. É entaipada e construída uma nova porta; o baluarte de São Bartolomeu é arruinado;
- 1665 - finais** | É construído o baluarte dos Apóstolos, segundo o traço de Pierre de Saint-Colombe;
- 1680 - finais** | Início da última fase de construção do baluarte dos Apóstolos. O baluarte do Picadeiro é concluído, projeto de Diogo de Pardo Osório;
- 1682 - meados** | É levantado o baluarte de São Bartolomeu;
- 1739** | A obra ainda estava inacabada, mas foi dada como concluída.
(Sousa, 2015)



BALUARTE | FORTE DE SÃO BARTOLOMEU

Os baluartes eram "elementos de desenho normalmente pentagonal, cuja finalidade é possibilitar o ataque do inimigo com disparos de flanco ou laterais, de modo a proteger a cortina".

(Sousa, 2015)

A evolução constante da pirobalística, tornou rapidamente obsoletas as fortificações medievais, impondo assim muitas intervenções tendentes à sua adaptação e modernização.

As fortificações modernas, baluartes, surgiram da necessidade de adaptar as praças à revolução da pólvora.

(Lima, 1996, p. 57)

a escassas dezenas de metros de distância da antiga Porta de Avis, na banda norte-ocidente e num cabeço saibroso protegido pelos muros trecentistas de Cerca Nova, fundou nos princípios do séc. XVII, em terrenos municipais doados para o efeito (...)

no ano de 1651, (...) encontrando-se o edifício religioso sujeito a estudo pelos engenheiros franceses para se incorporar num baluarte do sistema defensivo da cidade, sabe-se que o recheio artístico-cultural da ermida e paramentaria era importante. A capela principal, tinha altar dourado, em talhas encaixando o retábulo de pintura do martirológico do padroeiro, e o Calvário de Jesus.
(Espanca, 1966, p. 322)



Fig. 72
Recuperação do Baluarte São Bartolomeu | 1960



Fig. 74
Ermida de São Bartolomeu | (s.d.)



Fig. 73
Baluarte de São Bartolomeu | 2017



Fig. 75
Ermida de São Bartolomeu | 2009

O forte de São Bartolomeu, também designado de Baluarte de São Bartolomeu de datação seiscentista, poucos materiais da respetiva fundação (originais) conserva é um trabalho de materiais pobres ou mal concebido. Hoje encontra-se em lastimoso estado de conservação. Ficou totalmente arruinado em 1663 e restaurado depois de 1670, já integrado nos planos do engenheiro D. Diogo Pardo de Osório.

No ano de 1966 com avançado estado de degradação, foi restaurado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

(Lima, 1996, p. 60)

O baluarte de São Bartolomeu tem uma ligação muito frontal à porta de Avis. O processo de relação destas duas peças, segundo o que sabemos passou por uma ligação à muralha que "comunicava" com a barbacã, com uma relação direta com a antiga porta de Avis e uma relação mais estreita com a nova porta de mesmo nome.

Conseguimos observar na página 27 que no ano de 1660 as intenções do desenho do Baluarte de São Bartolomeu são dadas no plano de Nicolau de Langres, o que é certo é que este baluarte estava "adossado" à cerca nova e ao barbacã. Este já teria os seus traços delineados, no ano 1750, representado na página 29 de autor desconhecido, tendo em conta a planta antiga o seu desenho inicial tinha uma pequena torção que o enquadrava com as portas de Avis.

Na página 38 conseguimos observar o plano de urbanização de Évora, ante-projeto de 1945, realizado por Etienne de Gröer, aqui já é notória a intenção de separação do baluarte São Bartolomeu da muralha. Intenção que foi levada para a frente já que em 1967, na sequência da implementação do Plano de desafrentamento da muralha

medieval e da abertura de novos lanços de via pública, os Monumentos Nacionais, Direção de Estradas do Distrito e Câmara Municipal, empreenderam a criação de um troço de estrada com início na porta de Avis, terminando junto ao baluarte de Nossa Senhora de Machede, atravessava a antiga horta de São Bartolomeu, sacrificando os flancos do baluarte, que deste modo ficou separado da cerca medieval onde se adoçava.



Fig. 76
1_10000

O PROGRAMA POLIS NA CIDADE

O Programa Polis é um programa de requalificação que envolveu um conjunto muito diversificado de ações. A estratégia utilizada era definida para cada cidade e foi estabelecida tendo em consideração a sua identidade e a sua atratividade, reforçando o seu papel e especificidade no sistema urbano nacional.

Este programa consistiu num embrião de uma política de cidades, que foi mais tarde consolidada no Programa Polis XXI (2007-2013)

(Pestana, Pinto-leite, Marques, 2000, p.1780)

Para o Centro Histórico de Évora, foi desenvolvido um estudo de enquadramento estratégico centrado num processo de reabilitação, revitalização e crescimento que recuperasse a história que marca a vivência e a malha urbana da cidade. Partindo de uma nova dinâmica de preservação e inovação, foi pensado o Centro Histórico como um território que se estende para fora da muralha, constituindo um elemento integrante de desenvolvimento, consolidação, coerência e do fortalecimento do sistema urbano local. Nesse sentido, foi definido um conjunto de ações que visaram aproximar a "cidade intramuros" da "cidade extramuros", dando corpo à perspectiva de que o fenómeno urbano de Évora é uno. Com esta visão, o Programa Polis procurou dar resposta aos novos desafios que se colocavam à cidade, como na concretização dos eixos e das prioridades de desenvolvimento do País e na construção de um sistema urbano nacional coerente e sustentável.

(Idem, p. 1776)

1ª Fase do Programa Polis
(Porta do Raimundo à Porta de Alconchel)

2ª Fase do Programa Polis
(Porta de Alconchel à Porta de Avis)

Parque de estacionamento subterrâneo



Fig. 77 | 1994

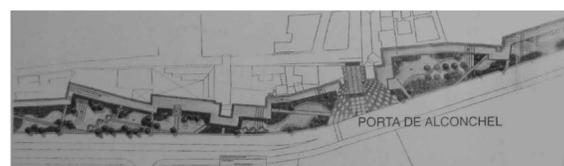


Fig. 78 | 79 | 80
Troço compreendido entre a porta da Lagoa e a porta do Raimundo | 1994

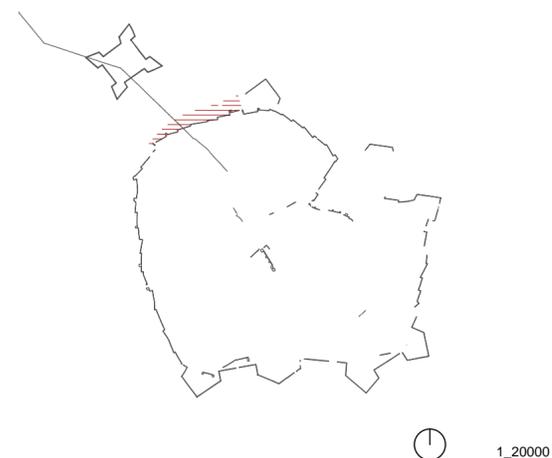


Fig. 81
Espaço exterior às Muralhas entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa _ Fase de estudo prévio | 1994

O PROGRAMA POLIS ENTRE A PORTA DO RAIMUNDO E A PORTA LAGOA

A proposta de organização dos espaços exteriores à muralha, teve como génese de traçado um conceito de museologia de ar livre, que assentava na valorização da muralha como sistema defensivo.

No caminho para sul, propôs-se uma nova abertura de ligação no largo dos Penedos, integrada num engenho da época, a tartaruga. Na porta de Alconchel foi construída uma grande praça com três faixas de circulação automóvel.

O troço entre a porta de Alconchel e a porta do Raimundo, desenvolveu-se com um tratamento mais naturalista de reconstituição da paisagem com percursos sinuosos inspirados nas azinhagas medievais, com indicação do caminho barbacã. A chegada à porta do Raimundo é marcada pela rotunda ajardinada, estabelecendo ligação entre o eixo da estrada de Lisboa, a entrada da rua do Raimundo e o acesso ao novo parque urbano da cidade.

Na primeira fase o Programa Polis incluía o arranjo de todo o espaço adjacente às muralhas, batizada com o nome de Túlio Espanca, a nova via veio a estender-se por dois quilómetros.

O percurso pedonal foi acompanhado, em toda a sua extensão com bancos de desenho simples, em madeira.

Em 2007 inaugurava-se o segundo troço da requalificação urbana junto à muralha, esta segunda fase das obras, abrangia o espaço entre a porta de Alconchel e a porta da Lagoa mantendo-se a filosofia da primeira fase, de forma a que permanecesse a continuidade e a coerência paisagísticas que assegurava o reforço da ligação da cidade intramuros e extramuros.

PROPOSTA PARA O TROÇO COMPREENDIDO ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA

O troço entre a porta da Lagoa e porta de Avis constitui, um conjunto de intervenção em que a leitura do sistema defensivo se fez com maior dificuldade, as casas adossadas à muralha no exterior, prejudicavam a leitura, embora isso só por si não constitui problema. Como já referido as muralhas mantêm um traçado em dente de serra muito pouco visível devido ao facto de estar parcialmente absorvida pelo casario, as duas torres têm o acesso bloqueado influenciando as plataformas superiores que não têm qualquer utilidade. Quase todo o troço está desprovido de ameias, com exceção de uma pequena extensão junto às portas de Avis.

O Aqueduto da Água da Prata pelo seu traçado e configuração não prejudicava a leitura do sistema defensivo, bem pelo contrário, ajudava na leitura do desenho da fortificação, pois situa-se no alinhamento do troço frontal.

A velha e nova porta de Avis, constitui uma situação muito bela em que se "casa" em completa harmonia com elementos de arquitetura militar, civil e religiosa. Este momento nada prejudicava cada leitura do sistema defensivo.

(Telles, Cabral, 1989, p. 7)

NESTE TROÇO O PROJETO PRECONIZAVA:

Segundo Francisco Cabral o troço entre a porta de Avis e a porta da Lagoa consistia na recuperação de alguns percursos da muralha, o passeio através da recuperação do adarve (passeio estreito ao longo das muralhas), que é viável em diversos pontos do percurso da muralha, nomeadamente entre a porta da Lagoa e o Aqueduto, ou entre a nova entrada proposta junto à antiga carpintaria Avis e a Torre da Porta de Avis.

A demolição das construções existentes junto à muralha, entre a porta da Lagoa e a porta de Avis, iria ser alvo de discussão pública. A rotunda ali existente centraria com a presença de água com um grande tanque.

O espaço que ficava disponível pelo afastamento da circular, entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, organizava-se em três zonas distintas: uma zona central destinada a recreio e a espetáculos pelo que passaria a dispor de bancadas; e as restantes zonas seriam de estadia e informação, onde poderia vir a ser montados alguns dos elementos museológicos, seria criada também uma zona rebaixada para dar a ideia do caminho barbacã.

A grande zona central seria ladeada de duas torres de ataque, que serviam simultaneamente de suporte à iluminação e sistemas de som, aquando dos espetáculos, bem como permitirão a integração de quiosques de apoio.

O troço entre a porta da Lagoa e a porta de Alconchel iniciava-se com o tratamento do pavimento na zona de entrada de circulação automóvel, e com a proposta de desaterar a porta lateral que está cerca de 1,5 metros aterrada.

A partir daqui teríamos de novo o caminho barbacã e ao longo do seu traçado seriam criados caminhos de passeio, sob a forma naturalista de azinhaga até à porta da muralha. (Cabral, 1994)

05 TRÊS REFERÊNCIAS DE PROJETO

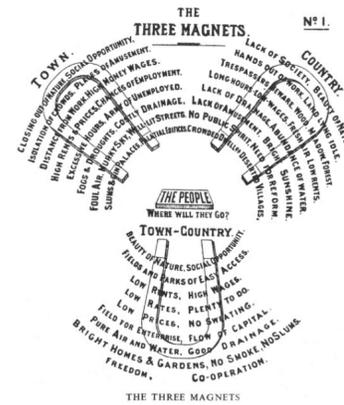


Fig. 82
Nº1 Os três ímanes



Fig. 83
Nº 2 Ala e Centro



Fig. 84
Cidades do Amanhã

CIDADES JARDIM DO AMANHÃ

Ebenezer Howard nasceu em Londres em 1850, foi o criador da cidade jardim, profundamente marcado pela leitura de dois livros: *Progress and Poverty*, de Henry George (1881) e *Looking Backward* (1889), a utopia do americano Edward Bellamy. Nestas obras residem as fontes da sua obra, que surgiu em 1898 com o livro *Tomorrow: A peaceful Path to Social Reform* (Amanhã: um caminho pacífico para a reforma social), a obra foi reeditada em 1902 com o título *Garden Cities of Tomorrow* (Cidades Jardins do Amanhã). Nesta obra está exposta a utopia, da *garden-city*, e que mais tarde se tornou realidade devido ao sentido prático do autor. O êxito imediato e considerável da sua obra levou, Howard a fundar, em 1899, a Associação dos *Garden-Cities*, que em 1903 adquiriu em Letchworth o primeiro terreno onde construir. A proposta de Howard pretendia resolver o desequilíbrio territorial e social, no período pós-industrial, no final do século XIX os países industrializados foram marcados por uma grande expansão urbana e crescimento económico.

O conceito de Howard começa com a questão "Para onde vão as pessoas?", Howard estabelece três ímanes, a cidade, o campo e a cidade-jardim, na verdade, não existem só duas possibilidades, a vida na cidade e a vida no campo, a terceira solução apresenta as vantagens da vida mais ativa na cidade e toda a beleza e delícias do campo, ambas podem estar combinadas de um modo perfeito.

"a cidade e o campo podem ser consideradas irmãs, cada uma procurando atrair para si a população; a esta rivalidade vem interpor-se uma nova forma de vida, que participa das duas outras".

(Choay, 2003, p.219 à 221)

Nem a cidade nem o campo realizam completamente o ideal de uma vida verdadeiramente conforme com a natureza. O Homem deve desfrutar ao mesmo tempo da sociedade e da beleza da natureza, os dois teriam de se tornar num só. A ideia utópica da cidade jardim consiste em culminar as vantagens da cidade e do campo, como se pode observar na figura dos ímanes número 82.



Fig. 85
Broadacre City | 1934-1935



Fig. 86
Maquete de Broadacre City cerca de 3,7 por 3,7 m

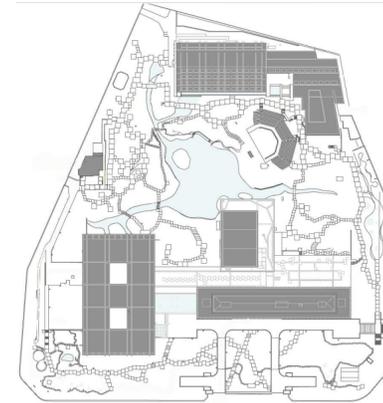


Fig. 87
Planta de Coberturas



Fig. 88
Arte-Fundação Calouste Gulbenkian

BROADACRE CITY

Frank Lloyd Wright nasceu na cidade rural de Richland Center nos EUA em 1867. Produziu propostas utópicas sobre urbanismo, como a utopia descentralizada de Broadacre City. A ideia foi apresentada no livro *The Disappearing City* de 1932. Alguns anos depois ele apresentou ao público uma maquete de cerca de 3,7 m por 3,7 m.

O Naturalismo surgia como o ponto principal da sua ideia, um pensamento de um espaço e uma sociedade diferenciada, frente à sua época, com uma proposta anti industrialista em que a relação do homem com a natureza era um ponto predominante.

Wright defendia que a cidade do início do século XX era vivida em cidades do passado, em que a população era escrava da máquina e da construção tradicional. Um retrato da cidade poluída impedindo o contacto com a natureza. Para tentar rever esta situação Wright propôs o projeto da cidade Broadacre City, cujo conceito central é a descentralização e a baixa densidade para tentar minimizar ao máximo o impacto da cidade na paisagem natural. Defendendo que a cidade é uma malha de estradas que se estende indefinidamente e dividindo a região em quadrados de acre, em que cada um desses acres seriam destinados a uma família. Dentro de cada acre podiam coexistir agricultura, indústria, serviços e casas, fazendo de cada acre uma unidade autónoma. Wright tinha a tentativa de "libertar" a população da indústria, sempre com a ideia predominante da natureza.

Defendendo que se a disposição do solo se baseasse em condições realmente democráticas, a arquitetura resultaria automaticamente da topografia, à natureza e ao

caracter do solo sobre o qual estivessem construídos, sendo parte integrante dele. Broadacre seria assim edificada em harmonia com a natureza. A sensibilidade peculiar ao lugar e a sua própria beleza constituíam um requisito fundamental exigido pelos novos construtores de cidades. A beleza da paisagem seria procurada não como um suporte, mas como um elemento da arquitetura.

A utopia de Wright não pretendia que toda a população vivesse ou auto subsistisse apenas e através da comunidade rural. O retorno à Natureza no Séc. XX não é considerado sem meios tecnológicos necessários para uma sociedade urbana moderna.

A sua organização estrutural é uma espécie de grelha de autoestradas que cruzam entre unidades rurais/ agrícolas, industriais / urbanas e residencial.

Logo Broadacre City é uma cidade onde não existe limite de espaço nem de tempo. O que é de salientar na proposta de Wright é a sua sensibilidade para a importância da relação do Homem com a natureza.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Inaugurado em 1969, o projeto do edifício da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian resulta de um concurso restrito dirigido pela administração a três equipas de arquitetos, que decorreu entre 1959 e 1960.

A equipa formada pelos arquitetos Ruy Jervis d'Atouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa, apresentou um projeto com um conjunto arquitetónico de grande unidade, sóbrio e digno. Neste projeto trabalhou um grande número de especialistas em diversas áreas, coordenados pela equipa vencedora.

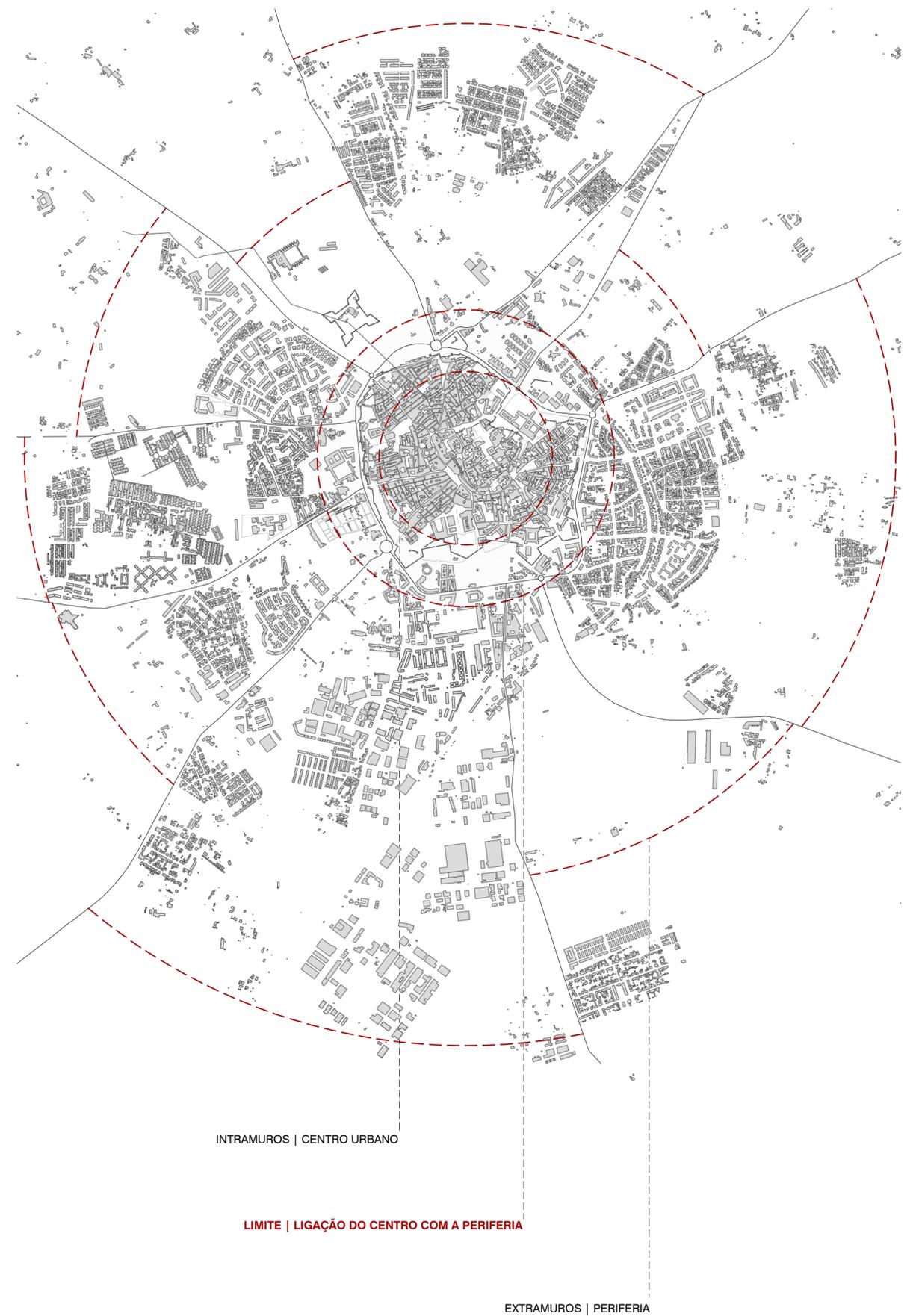
O conjunto arquitetónico existente, de estrutura aparentemente simples, e áreas interligadas, encontra-se envolvido por um espaço verde projetado pelos arquitetos paisagistas Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto, de onde se destacam extensos relvados com percursos, lagos e ainda um anfiteatro ao ar livre.

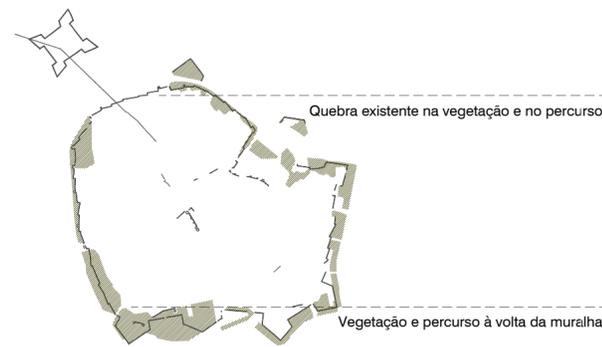
O exterior do Museu apresenta-se como um maciço paralelepípedo retangular, onde a utilização do betão aparente e do granito revela um equilíbrio cromático contido.

Planificado em função de cada objeto reunido por Calouste Gulbenkian, possui no piso inferior uma Galeria de Exposições Temporárias, uma loja e uma cafeteria. Neste piso encontra-se, ainda, a Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian.

O edifício do Museu, organizado em torno de dois jardins interiores e com inúmeros vãos envidraçados para o exterior, permite ao visitante um diálogo constante entre a Natureza e a Arte. Notável exemplo dos novos caminhos da Arquitetura Moderna Portuguesa da década de 60, o edifício da Fundação Calouste Gulbenkian foi distinguido com o Prémio Valmor, em 1975, e classificado Monumento Nacional, em 2010. (Fundação Calouste Gulbenkian, 2017)

06 CONTRIBUTOS PARA A REQUALIFICAÇÃO DO LIMITE ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA | UMA HIPÓTESE DE PROPOSTA





LIMITE | LIGAÇÃO DO CENTRO COM A PERIFERIA

" Limites: os limites são os elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. São as fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade (...)" (Lynch, 1960, p.58)

A cidade de um modo abstrato é composta por três áreas.

A zona intramuros, o centro, definida por uma linguagem muito peculiar, radiocêntrica caracterizada pela mancha densa. O centro urbano é composto pela zona entre o templo Romano e a atual Sé e pelo centro cívico, a praça do Giraldo, em que o centro se liga a todo o perímetro fora da cerca nova.

A zona extramuros, a periferia, uma zona de grande área que se vai dispersando ao mesmo tempo que se afasta do centro tão denso e característico, tentando responder a esta identidade tão única.

E a zona de limite | ligação destes dois "mundos", uma zona que se torna ambígua por separar esta malha e ao mesmo tempo a unir. Composta pelo limite da muralha e a ligação da área envolvente e das portas.

A cerca nova, limita o centro urbano consolidado, este limite acaba por ser reforçado pela circunvalação que existe em redor deste perímetro, sendo esta composta por quatro faixas e rotundas de grande escala que acabam por antecipar a entrada ao centro da cidade. Esta tem uma "posição" ambígua, por um lado faz a ligação ao centro da cidade e por outro reforça a separação do centro da cidade com a periferia.

Quando mencionamos a envolvente do perímetro muralhado, estamos a dar referência a toda a sua área envolvente, dentro e fora da muralha. Esta pode ser "lida" como uma zona de limite quando nos referimos ao elemento da muralha, ou a uma zona de ligação, quando nos referimos à área que envolve esta muralha. O que é certo é que esta área envolvente é na sua maior parte composta por espaços verdes e construção.

A área do perímetro interior da muralha é em maior parte composta por construção de carácter privado, esta foi-se apropriando do espaço e da muralha encontrando-se hoje adossada ou apropriada. Também encontramos em áreas mais reduzidas espaços verdes no interior deste perímetro, que já nos permitem disfrutar a beleza da muralha à vista, como é o caso do jardim Público de Évora.

Os espaços verdes, na sua maioria espaços públicos têm o objetivo de atenuar a descontinuidade urbanística no espaço compreendido intramuros e extramuros, de forma a valorizar a muralha.

É importante reforçar que a envolvente do perímetro muralhado é de todos e tem de proporcionar não só a sua visibilidade mas também a sua vivência.

Quando observamos o perímetro muralhado e toda a área que o envolve é notória a falta de identidade entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, fruto do seu "abandono" temporal que provoca a quebra de vivência do espaço. Um espaço tão intenso envolvido pela muralha, o Aqueduto da Água da Prata, a porta de Avis com toda a sua identidade, o baluarte de São Bartolomeu e a porta da Lagoa. Sendo fundamental a sua requalificação.





CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIMITE ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA

A contextualização do limite entre a porta de Avis e a porta da Lagoa foi realizado com base no capítulo de "Évora. Plantas Antigas e Evolução Urbana", o estudo permite-nos perceber que a zona nunca foi estaque e com o passar dos anos foi sendo adaptado às necessidades da população, deixando-nos vestígios curiosos ao longo do tempo.

No ano de 1700 o perímetro à frente da muralha era composto por um barbacã, uma fortificação avançada mais baixa que a muralha para proteção do fosso, reforço necessário em tempos da nossa defesa. Hoje não é visível qualquer troço do barbacã.

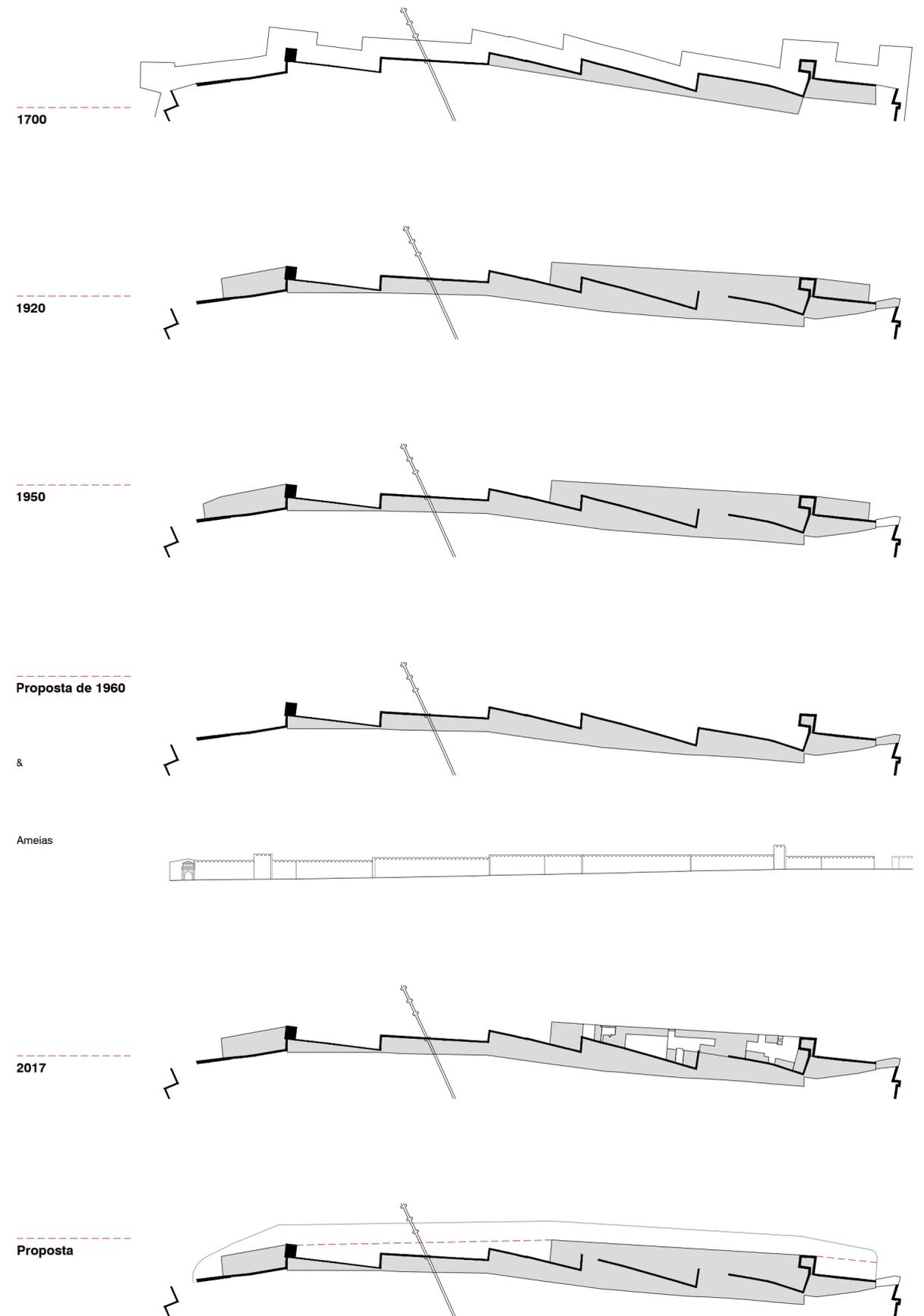
No ano de 1920 é curioso a planta apresentar-nos um acesso na muralha do exterior para o interior ou vice versa, em que este era feito através de construção dentro e fora da muralha. Ao lado da porta de Avis havia a existência de uma construção que segundo a fotografias existentes, figura 48, esta era de um piso com uma forma arredondada e aproveitara dois alçados, o da torre e o da muralha.

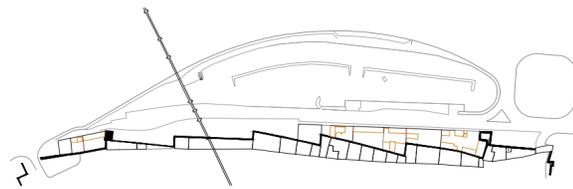
No ano de 1950 Já muito perto da porta da Lagoa havia a existência de uma construção, esta era composta por dois pisos, apropriando-se do alçado da muralha, visível nas figuras 59 e 60.

Nos anos 50 | 60, Évora teve um processo de reordenamento da muralha, em que a sua envolvente era "limpa". A muralha foi assim deixada à vista e na reconstrução do seu alçado foram criadas ameias com zonas de seteiras. Este processo decorreu em grande parte da sua envolvente à exceção da zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa que acabou por não sofrer alterações.

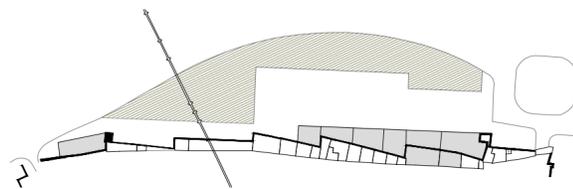
Entre portas, a de Avis e da Lagoa, sem se terem realizado as alterações dos anos 60 esta atualmente encontra-se completamente descaracterizada e sem a vivência do seu espaço, não sofrendo qualquer tipo de arranjo ou caracterização durante todos estes anos.

Tendo em consideração o estado atual da zona referida, o conceito surge de forma a caracterizar esta zona e a dar-lhe a identidade que merece permitindo o fundamental, a vivência do espaço.





Demolição
Construção



Vegetação
Área de intervenção nas pré-existências

ESTRATÉGIA | LIGAÇÃO DO CENTRO COM A PERIFERIA

Como já referido o limite da muralha teve constantes alterações, adaptando-se em cada fase às necessidades da população, é importante referir que esta nunca foi estanque, adaptando-se constantemente.

Não sofrendo a zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa as alterações feitas nos anos 60 com o intuito de deixar a muralha "esbelta", como um limite museu. Fez com que esta hoje se encontrasse como um momento expectante.

Nos dias atuais, o que pretendemos não é só deixar os espaços esbeltos, mas perceber de um certo modo a história daquele lugar, as suas vivências ou seja tudo aquilo que cria a memória comum que acaba por fazer parte de todos e é vivido por todos.

A estratégia consiste na intervenção da zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, uma zona com possível ligação do centro com a periferia, que se encontra completamente descaracterizada e sem vivência do espaço, um ponto de charneira que nos permite fazer esta ligação de dentro para fora e de fora para dentro.

Hoje o limite entre a porta de Avis e a porta da Lagoa não é apenas a muralha, também as habitações que se adossam a ela. É importante manter a memória do espaço, requalificando-o.

Perceber a história da muralha quando a observamos é encantador. Acima de tudo o que nós sabemos é que esta muralha e a sua envolvente nunca foi estanque, criando memórias, que com a requalificação deste espaço podem voltar a ser sentidas. A nossa muralha nunca foi apenas uma muralha, mas uma muralha com o barbacã, habitações entre outros.

Com a requalificação desta zona assumimos um novo limite a construção adossada à muralha, ligando o centro com a periferia.

A estratégia da área referida consiste na ligação do centro com a periferia. Com o conceito de requalificação do seu limite, como já referido é de grande importância manter a memória desta zona e caracteriza-la.

O projeto surge de forma a requalificar o alçado pré-existente das habitações adossadas. A criação dos seus espaços interiores, consiste num desenho síntese de cheio e vazio.

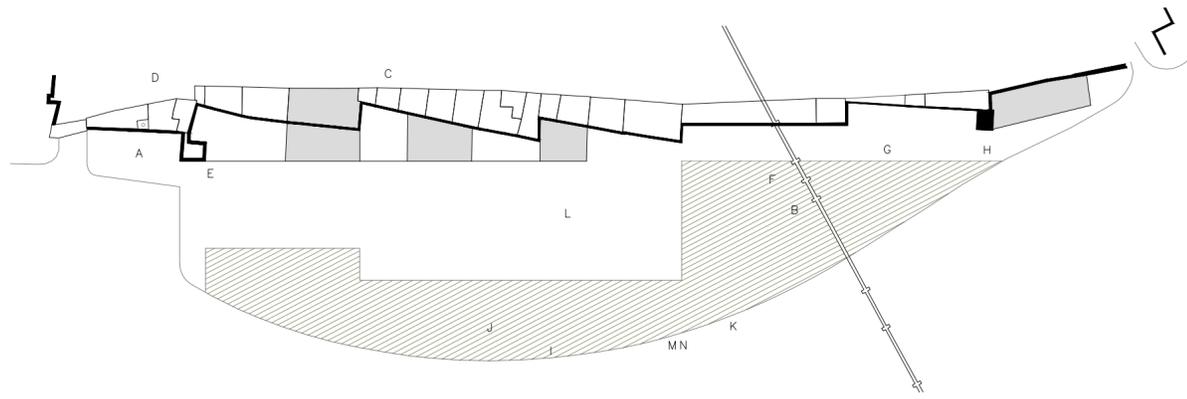
Nestas habitações há um sítio que nos permite fazer a passagem por entre a muralha, em que a proposta se apropria dessa passagem e da construção dentro da muralha pertencente a esta passagem, de forma a permitir outra sensação do interior para o exterior, ou vice versa, do perímetro muralhado.

Relativamente aos espaços verdes à volta da muralha, a proposta dá uma resposta síntese de continuação deste percurso verde, de forma a criar uma linguagem de continuidade do espaço circundante da muralha.



Planta de implantação

Fig. 90
1_10000
83



Fotografias da zona de intervenção



Fig. 95



Fig. 96



Fig. 97



Fig. 98



Fig. 91



Fig. 92



Fig. 99



Fig. 100



Fig. 93



Fig. 94



Fig. 101



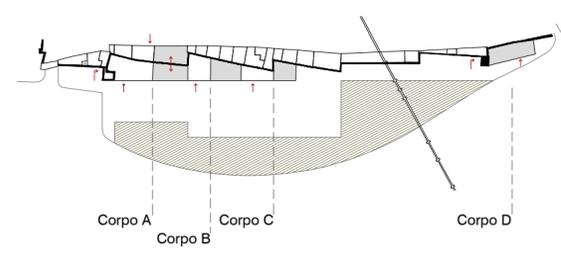
Fig. 102



Fig. 103
M



Fig. 104
N



ENTRE A PORTA DE AVIS E A PORTA DA LAGOA | ESPAÇO CULTURAL

A proposta consiste na requalificação do limite pré-existente. Sendo apresentada a uma escala urbana.

O programa para toda a área da proposta consiste num espaço cultural, com a intuito de alunos universitários mostrarem o seu trabalho. Em que este espaço faz a "ponte" entre a cultura universitária e a cultura da população residente de Évora, dando a conhecer trabalhos de interesse elaborados na universidade, permitindo uma maior ligação entre habitantes e estudantes.

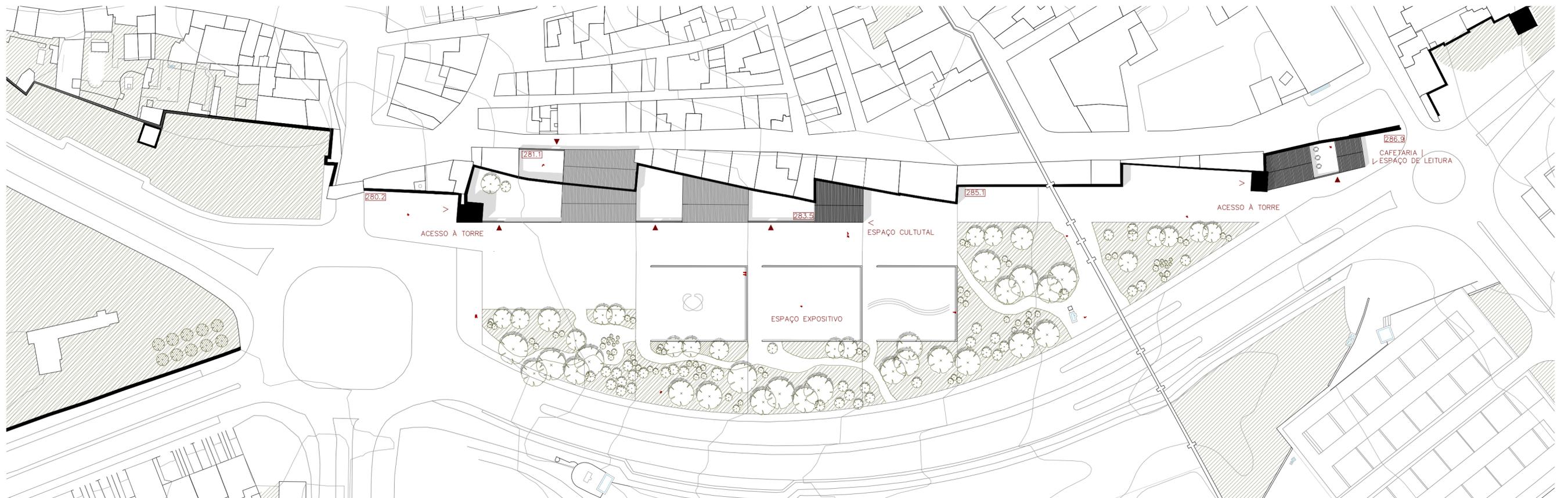
Numa primeira fase, os espaços verdes fazem a ligação do perímetro à volta da muralha e ao mesmo tempo cria uma barreira entre a via de circulação automóvel e o espaço a intervir. Entre a densa vegetação perto da via de circulação e as habitações rehabilitadas existe o espaço interior, um espaço vazio que permite ser explorado através de exposições de exterior.

Na segunda fase, o programa do espaço construído consiste no espaço cultural. A entrada para estes espaços é realizada por pátios que são apoiados pelas suas volumetrias. O corpo A, B e C têm como finalidade a exposição temporária, apresentando-se como espaços mutáveis consoante o pretendido para cada exposição. O corpo D, tem como finalidade a unificação do espaço de cafetaria com o espaço de leitura.

Nas duas torres são "recriados" os acessos ao topo de forma a permitir o contacto visual entre torres e entre a porta de Avis e a porta da Lagoa.

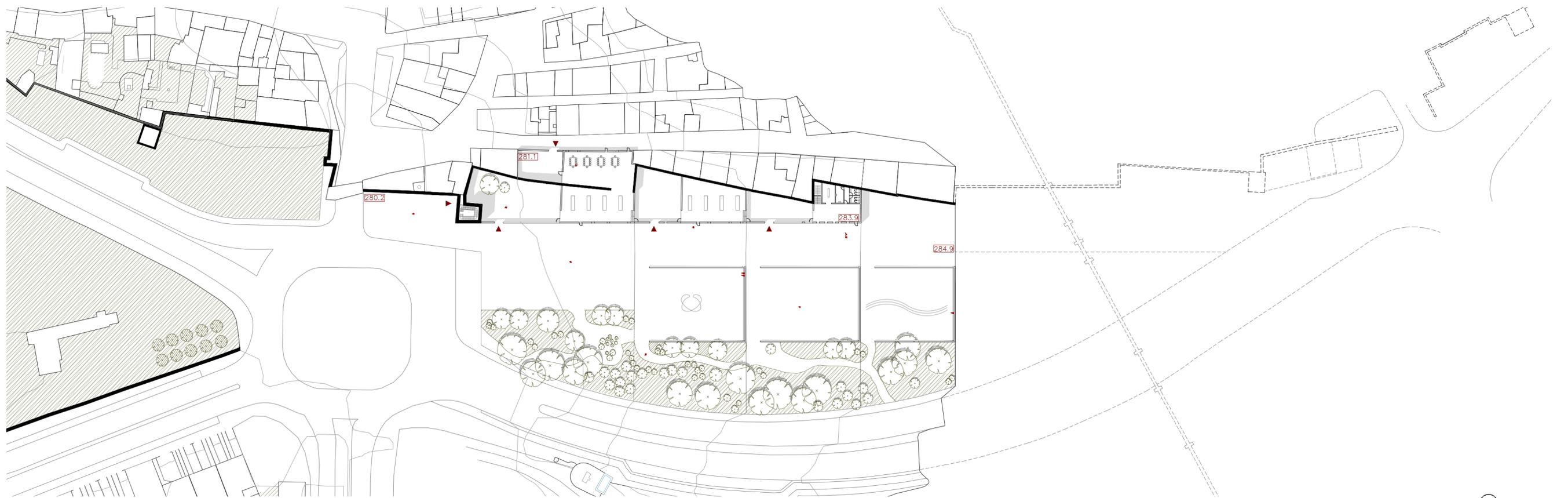
O percurso pedonal é assim realizado entre o limite da construção que em parte se adossa à muralha e o espaço verde que circunda em grande parte o perímetro muralhado de Évora.

Hoje conseguimos requalificar o limite da cidade entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, mantendo a memória comum deste espaço e permitir que este seja "vívido" por todos. Assumindo o limite pré-existente, as habitações harmonizadas à muralha.

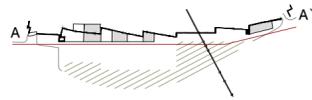




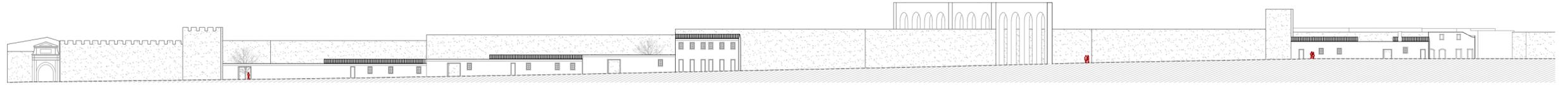
Planta de Cobertura do Corpo A e B | Piso 2 do Corpo C | Piso 1 do corpo D 1_1000



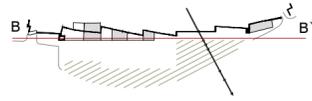
Planta do Piso 1 do Corpo A, B e C 1_1000



Cota 286.00
Cota 280.00



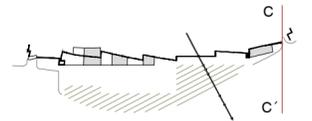
Alçado A A'



Cota 283.00
Cota 280.00



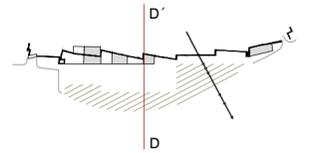
Corte B B'



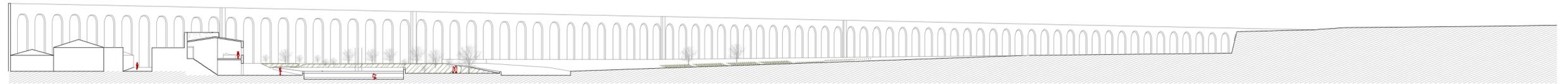
Cota 286.90



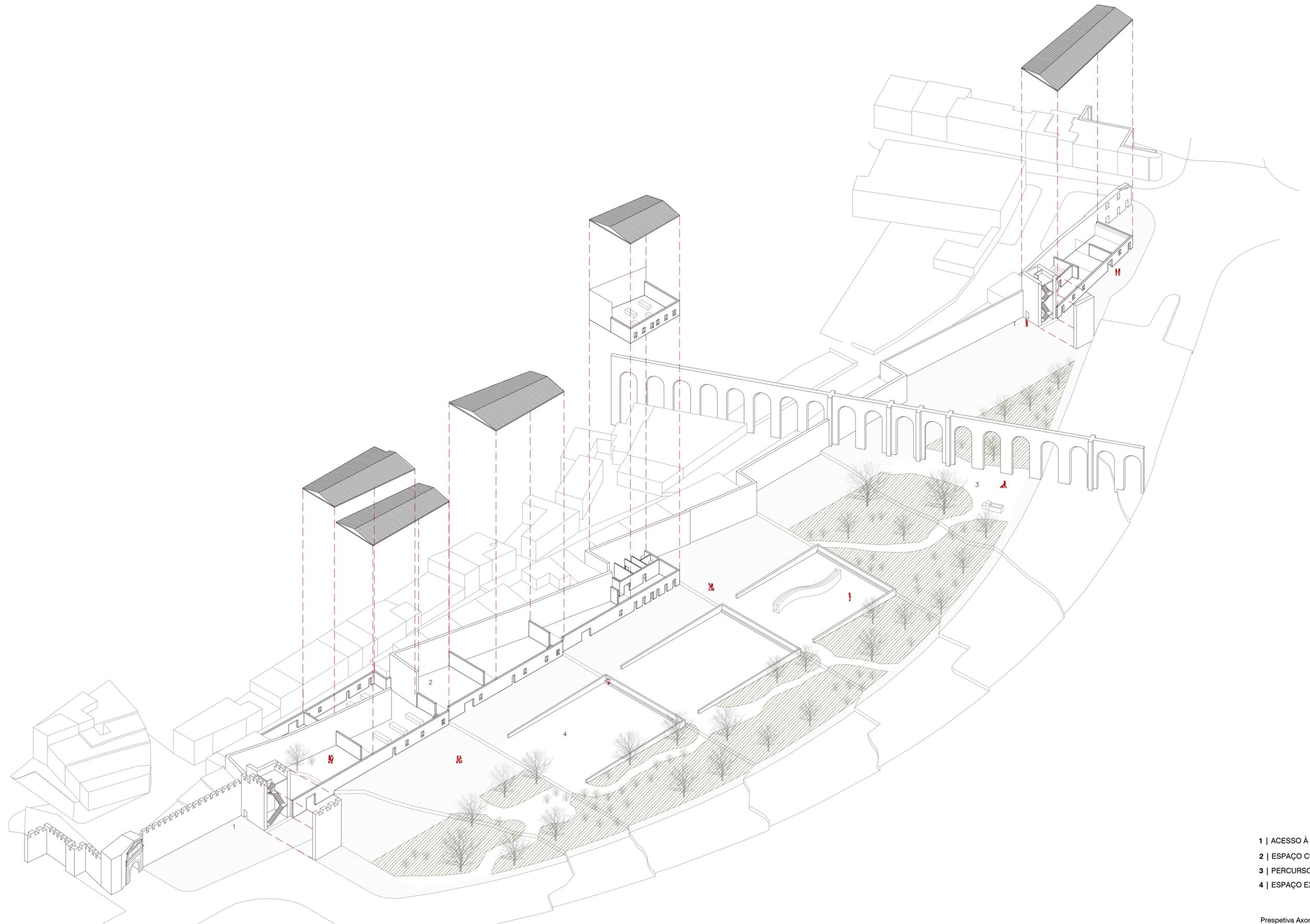
Alçado C C'



Cota 286.00
Cota 283.50



Corte D D'



- 1 | ACESSO À TORRE
- 2 | ESPAÇO CULTURAL
- 3 | PERCURSO VERDE
- 4 | ESPAÇO EXPOSITIVO

07 CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tem o grande objetivo de sensibilizar para a preservação do nosso património, seja ele o espaço físico ou o arquivo que o documenta.

A dissertação é um trabalho desenvolvido essencialmente em duas partes. Uma primeira parte teórica, que tem como base plantas antigas da cidade, em que o seu estudo fundamenta a atitude tomada na segunda parte do trabalho, a proposta entre a porta de Avis e a porta da Lagoa.

Ao desenvolver um trabalho que se envolve diretamente com o património foi fundamental perceber o seu desenvolvimento, através do agrupamento de plantas antigas, de forma a poder intervir meticolosamente.

A primeira questão a ser resolvida é, o que fazer a uma zona que se encontra completamente descaracterizada, e que não tem qualquer tipo de "aproveito" relativamente à sua riqueza arquitetónica?

Com o estudo realizado na parte teórica foi de grande relevância compreender que a cidade à medida que se desenvolve cria limites, limites estes que posteriormente tenta difundir de forma a "ler-mos" apenas uma única cidade. E que entre a porta de Avis e a porta da Lagoa, sítio a intervir, as alterações ao longo do anos foram diversas, e que correspondiam sempre à necessidade da população residente. Criando neste espaço uma memória comum, que se torna fundamental preservar.

É de grande importância salientar a característica desta zona, que faz parte da memória, mantendo-a "viva" por todos.

Com isto conseguimos concluir que é de grande importância a ligação do centro urbano com a periferia e que o espaço seja vivido por todos. Enquadrando-o na história que foi feita e que será feita. Que encontramos com um novo limite, um limite por reabilitar.

O limite que encontramos hoje não é apenas a muralha, mas a muralha envolvida em habitações.

Preservar o património é fundamental, requalificando a zona entre a porta de Avis e a porta da Lagoa para que todos possam usufruir da sua beleza, da sua história, da sua cultura, da sua riqueza.

08 FONTES DE ILUSTRAÇÃO

Fig. 01 | Carpinetti, J. S. (1740-1800). Mappas das províncias de Portugal, novamente abertos, e estampados em Lisboa, Imp. Francisco Manuel, (1762).

Mapa 6: (1762). "Província do Alentejo", - Escala ca. 1:1100000, determinada com o valor calculado de 4,95 cm correspondente a "9 Leg. Portuguesas de 18 ao grão", Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), cota CA-203-P
<<http://purl.pt/745/1/index.html#/14/html>>

Fig. 02 | VISTA DA CIDADE DE ÉVORA. (Foral 1501), desenho aguarelado sobre pergaminho

<https://www.researchgate.net/figure/299437662_fig3_Fig-3-Evora-em-desenho-aguare-lado-sobre-pergaminho-1501-CMEBE>

Fig. 03 | Esquivel (des.); Coelho (grav.) (1867). Évora, vista geral da cidade, meados do século XIX, gravura In *O Panorama*, Lisboa, vol. 3 (1844, p.407), Biblioteca Nacional (BN) P.P. 11720 V

<<http://purl.pt/93/1/iconografia/imagens/pp11720/evora.html>>

Fig. 04 | Magalotti, L. (1637-1712). Viaje de Cosme de Médicis por Espanha y Portugal, edição de Angela Rivero (1933).

Vista geral da cidade de Évora do lado Norte, desenhada pelo pintor Pier Maria Baldi, viagem do Príncipe Cosme III de Médicis, 1669. BNP, cota EA-326-A
<<http://purl.pt/12926/1/index.html#/52/html>>

Fig. 05 | 06 | 89 | Ortofotomapa. Universal maps

Fig. 07 | 08 | Base das plantas de projeto avançado I da Universidade de Évora (2009-2010)

Fig. 14 | Langres, N. (? -1665). Desenhos e plantas de todas as praças do Reino de Portugal, plano de Nicolau de Langres da fortificação de Évora, 1660. BNP, cota COD-7445

<<http://purl.pt/15387/3/#/35>>

Fig. 15 | Coquart, A. (1705). Planta da cidade de Elvas e Évora, com representação de praças e fortes [escala não determinada]. A Paris, dans l'Isle du Palais a la Sphere Royale: Chez le Sr. de Fer, avec privilege du Roy. 2 Plantas: gravura, p&b. BNP, cota CC-133-P2

<<http://purl.pt/1756/3/>>

Fig. 16 | PLANTA DA CIDADE DE ÉVORA (1750-1790?). [escala não determinada], 1 planta a tinta da china e aguadas de várias cores. BNP, cota D-343-A

<<http://purl.pt/26078/2/>>

Fig. 17 | ÉVORA, PLANTA COM ESQUEMA GERAL DO AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA NA ZONA INTRAMUROS (1856-1900). Câmara Municipal de Évora (CME), formato digital no Arquivo Fotográfico

Fig. 18 | Direção de Obras Públicas do Distrito de Évora (s. d.). Planta do Aqueduto da Água da Prata. 1 planta: p&b. Escala 1:2000. Biblioteca Pública de Évora (BPE), formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 53

Fig. 19 | Mattos, M. (1882). Planta da cidade d'Évora levantada à vista e a passo. CME, edifício Paços do Concelho. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Fig. 20 | Mattos, M. (1882?). Planta da cidade de Évora. CME, edifício Paços do Concelho

Fig. 21 | Gomes, A. (1913). Planta da cidade d'Évora. CME, edifício Paços do Concelho. Formato digital no Arquivo Fotográfico.

Fig. 22 | MAPA DE ÉVORA: Brinde aos assinantes da "*Revista Transtagana*" (1925). 1 planta a p&b. Escala gráfica de (200m=2,7cm). BPE, formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 4

Fig. 23 | PLANTA DA CIDADE (1928). 1 planta realizada por fotogrametria aérea. CME, edifício Paços do Concelho. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Fig. 24 | PLANTA DA CIDADE DE ÉVORA (1939). 1 planta dividida em duas folhas. CME, edifício Paços do Concelho

Fig. 25 | Gröer, E. (1945). Planta do plano de urbanização, Ante-projeto. CME. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Fig. 26 | PLANTA DA CIDADE DE ÉVORA (s. d.). Autor desconhecido. Arquivo Distrital de Évora

Fig. 27 | Cadastro geométrico da cidade de Évora (1951). Direção Geral do Território (DGT), 2013

<http://www.dgterritorio.pt/cadastro/cadastro_geometrico_da_propriedade_rustica_cgpr/_consultar_seccoos_cadastrais/>

Fig. 28 | PLANTA DE ÉVORA (s. d.). Autor desconhecido. BPE, formato digital, Arm 15 e 16 Est 2 Hem II, 231

Fig. 29 | 30 | Centro de Informação Geoespacial do Exército (1947) e (1958). 2 fotografias aéreas da cidade Évora

Fig. 31 | 32 | Direção-Geral do Território (1969) e (1980). 2 fotografias aéreas da cidade Évora

Fig. 33 | Risco | Atelier II - Coord. Arqs. Salgado, M.; Jorge, L.; Soares, B. (1979). Plano geral de urbanização de Évora. CME. Riscos de um Século - Memórias da Evolução Urbana, p. 154

Fig. 34 | Carvalho, J. (1997). Plano de urbanização - Planta de zonamento. CME. Formato digital no Arquivo Fotográfico

Fig. 35 à 39 | Base das plantas de Gustavo Val-Flores

Fig. 40 à 44 | Nourissier G., Telles G., Houben H., Blanco J., Teixeira M. (2007) Monumentos 26, p.199

Fig. 45 | Base da planta da CME

Fig. 47 | Legrand, C. (1850). Postal da Porta d'Aviz, em Évora. Litografia a p&b sobre fundo bege Impressa na Rua Nova dos Mártires n.º 12 Lisboa, por Manuel Luís da Costa - cerca de 1850. Publicada por Feio, J. L. E. (2017). Eborografias.

<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/15941043_10211919255037773_5841610700008350757_n.jpg?oh=4c1bf7e7b35707f345bd1ace9a74d260&oe=59D2B24F>

Fig. 48 | Marques, J. (1938). Nova porta de Avis. Publicada em (2016). Eborografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13770401_10206838089975714_8926670491279623210_n.jpg?oh=328a647677830c370be77b74130e3a50&oe=59D91AD6>

Fig. 49 | 51 | 52 | 53 | 54 | Marques, J. (década de 60). Nova porta de Avis. Publicadas em (2016). Eborografias, 5 fotografias

<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13631454_10206712703481130_3513852118195357491_n.jpg?oh=a000c4b27598bcaa11340192e578b7a3&oe=59DDFCFF>
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13620212_10206712712641359_8659073988348117676_n.jpg?oh=54a2c7a3cca15814130526c331fcb6d1&oe=59DF4EE6>
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13600307_10206712702801113_6769513659354818440_n.jpg?oh=7569ef3cb351b91c35415a21abf422ba&oe=59E4AB3B>
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13567289_10206712700041044_3669516509518871063_n.jpg?oh=24bec1a88675a6172b2cf3f928f509d2&oe=59D331AB>

Fig. 50 | 59 | 60 | 61 | Propriedade Arquivo Fotográfico da CME (1970-1990). Autor desconhecido.

Fig. 55 | Marques, J. (1900-1910). Festa no largo de Avis. Publicada em (2017). Eborografias
<https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/17200975_10208630014052696_6166019983961531752_n.jpg?oh=ca1bd2e9b07d08d6b223b697547df8b2&oe=59E7A348>

Fig. 56 | Marques, J. (1900-1910). Largo de Avis. Publicada em (2014). Eborografias
<https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-0/q88/s480x480/10533543_10203111248287001_5250095398128249855_n.jpg?oh=6f9c202b1f970e7455c6f10657a3e1c7&oe=59D78F62>

Fig. 57 | 58 | Marques, J. (década de 60) e (década de 70). Largo de Avis. Publicadas em (2016). Eborografias, 2 fotografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13627040_10206712709281275_8914241361125493646_n.jpg?oh=7e68cc2ab1a517ad30703312b3c418e5&oe=59D15C3C>
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/12729018_10205698804654293_4295731472003027931_n.jpg?oh=96d359cfc76a0ca938a15e977c658d1d&oe=59D97ACA>

Fig. 62 | Marques, J. (década de 40). Porta da Lagoa. Publicada em (2015). Eborografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/12390855_10205341716847321_3097996005564452126_n.jpg?oh=07a8c20dd3dd26972f385683657a172a&oe=59A19E03>

Fig. 63 | Marques, J. (década de 40). Nova porta de Avis. Publicada em (2016). Eborografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/13769475_10206838092095767_6827361892018550163_n.jpg?oh=decad7191fe2a518e1d3bcd559b1fe92&oe=59D62FAF>

Fig. 65 | Silva, M. (1960-1970). Propriedade Arquivo Fotográfico da C M E.

Fig. 67 | 68 | Marques, J. (s.d.) e (1908). Aqueduto da Água da Prata. Publicadas em (2015). Eborografias, 2 fotografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/12036910_10204924736303068_1179946148729054068_n.jpg?oh=99a3b5edd4cfd3cf2a5639202620d161&oe=59E32B2B>
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/10421232_10204921097492100_4845437081012452942_n.jpg?oh=9c4d3ed3313c3cbda4b7499b58303d05&oe=59D38DD0>

Fig. 69 | Passaporte, A. (1940-1960). Propriedade Arquivo Fotográfico da C M E.

Fig. 70 | Marques, J. (década de 40). Aqueduto da Água da Prata. Publicada em (2016). Eborografias
<https://scontent-lhr3-1.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/12932992_10206105736147326_2295471695799800779_n.jpg?oh=4044373a001d3897a24568385e20390b&oe=59DAFE7F>

Fig. 72 | Marques, J. (década de 60). Recuperação do Baluarte S. Bartolomeu. Publicada em (2016). Eborografias
<https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/13731474_10206831254444830_1046454735924333966_n.jpg?oh=af42767397ee0197807a611a5d0f09fb&oe=59D7CBE8>

Fig. 74 | Fialho, L. (s.d.). Ermida de S. Bartolomeu. Publicada em (2016). Eborografias
<https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t31.0-8/13576617_1009803602467517_1000916982578043731_o.jpg?oh=8ec329fcb327e9c2a917ae687bd0e05d&oe=59CCE54B>

Fig. 75 | Dias, P. (2009). Ermida de São Bartolomeu.
<https://issuu.com/paulodias2/docs/paulo_dias_-_portf_lho_arquitectur/67ff=true&e=0/6952420>

Fig. 77 | 78 | 79 | 80 | 81 | Arquivo da CME (1994). Edifício do Parque Industrial. Fase de estudo prévio. Cedido em 2017

Fig. 82 | 83 | Howard, E. (1974). Os Três Ímanes. Ala e Centro. 2 imagens

Fig. 84 | Howard, E. (s.d.). Cidades do Amanhã
<<http://www.sacred-texts.com/utopia/gcot/img/diag03.jpg>>

Fig. 85 | Wright, F. (1934 - 1935). Broadacre City
<<http://arquiscopio.com/archivo/wp-content/uploads/2013/08/080120-FLWright-BroadAcreCity1935-MaquetaS.jpg>>

Fig. 86 | Wright, F. (1934 - 1935). Maquete de Broadacre City, com cerca de 3, 7 x 3,7 metros
<<https://coisasdaarquitectura.files.wordpress.com/2010/11/f-il-wright-e-a-maquete-da-broadacre.jpg>>

Fig. 87 | Fundação Calouste Gulbenkian (2017). Planta de coberturas
<<https://gulbenkian.pt/jardim/wp-content/uploads/sites/11/2015/08/Jardim-Gulbenkian-Percurso-1.jpg>>

Fig. 88 | Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian (2011). ArchDaily
<<https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/11/1316492305-1316061362-4745514612-f88a056df-b-1000x717.jpg>>

Fig. 90 | Base de Fábio Antão

Nota | Todas as fotografias e ilustrações não numeradas são de autoria da própria

09 BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

Abel, A. (2007/2008). *Os Limites da cidade*. Universidade de Évora. (Obtenção de grau de Doutor em Arquitetura);

Alarcão, J. (2007). *O Domínio Romano em Portugal*. (4ª ed.). Publicações Europa-América;

Alçada, M. (2007). *Monumentos 26*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais;

Almeida, C. (2001). *Riscos de um século: Memórias de evolução urbana de Évora*, Câmara Municipal de Évora;

Augé, M. (2012). *Não-Lugares - Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. (3ª ed.). Livraria Letra Livre;

Câmara Municipal de Évora (2000). *A poética da cidade Évora - A cidade e o território* ;

Carvalho, A. (2007). *Da Toponímia de Évora. Século XV* (vol. II). Edições Colibri;

Carvalho, S. (2007). *Cidades Medievais Portuguesas - uma introdução ao seu estudo*. Livros do Horizonte;

Choay, F. (2003). *O urbanismo utopias e realidades uma antologia*. (5ª ed.). Editora Perspectiva S. A.;

Espanca, T. (1966). Inventário artístico do concelho de Évora, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes;

Elerperk, A. (1978 | 79). *Sinopse das ruas de Évora em 1849, Boletim A cidade de Évora*;

Grupo de investigação FORMA URBIS (2013). *Morfologia Urbana: estudos da cidade portuguesa*. Argumentum;

Howard, E. (1965). *Garden Cities of to-Morrow*. (2ª ed.). Printed in Great Britain by Alden & Mowbray LTD at the Alden Press, Oxford;

Krier, L. (1999). *Arquitetura escolha ou fatalidade*. Lisboa, Estar-Editora, LDA

Leal, A. *Portugal antigo e Moderno* (vol. III) Liv. Editora de Mattos Moreira e Companhia, Lisboa;

Lima, M. (2004). *Muralhas e fortificações de Évora*, Argumentum;

Lynch, K. (2009). *A imagem da cidade*, coleção; Arquitetura e urbanismo;

Portas, N. (2011). *A cidade como arquitetura apontamentos de método e crítica*, Livros horizonte;

Ribeiro, O. (1986) *Évora. Sítio, origem, evolução e funções de uma cidade* in estudos em homenagem a Mariano Feio, coordenação de SOEIRO de BRITO R., Lisboa;

Simplicio, D. (1997). *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora*, Dissertação de Doutoramento em Geografia, Universidade de Évora, polic.;

Sousa, A. (2015). *O Conjunto Abaluartado de Évora*. Universidade de Évora. Silabas & Desafios - Unipessoal, LDA;

Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (8ª ed.). Porto: FAUP publicações;

Telles G., Cabral F. (1989). *Gabinete de Arquitetura paisagista*. Câmara Municipal de Évora;

Val-Flores, G. (2008). *A Acrópole de Évora elementos para a definição de um percurso histórico*. Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura. Câmara Municipal de Évora;

World Wide Web:

Câmara Municipal de Évora (2012). *Arquivo Municipal Cadernos nº4* [Consult. 22 Mai. 2017]

Disponível em https://www.cm-evora.pt/pt/site-viver/culturaepatrimonio/cultura/equipamentosoculturais/municipio1/arquivo-municipal/documents/caderno_n4.pdf;

Direção-Geral do Território. *Polis XXI - A Política de Cidades 2007 - 2013* [Consult. 11 Fev. 2017]

Disponível em http://www.dgterritorio.pt/ordenamento_e_cidades/cidades/polis_xxi/;

Helm, J. (2011). Clássicos da Arquitetura: Fundação Calouste Gulbenkian [Consult. 21 Mar. 2017]

Disponível em <http://www.archdaily.com.br/br/01-8875/classicos-da-arquitetura-fundacao-calouste-gulbenkian-ruy-jervis-dathouguia-pedro-cid-e-alberto-pessoa>;

Lynch, K. (1960). *A Imagem da Cidade*. Arte e Comunicação [Consult. 28 Jun. 2017]

Disponível em <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/563568428721219/Kevin%20Lynch%20-%20Imagem%20da%20Cidade.pdf>.

Município de Évora (2007). *Plano Diretor Municipal - Relatório*(vol. II) Proposta [Consult. 20 Mai. 2017]

Disponível em http://www.cm-evora.pt/pt/site-viver/Habitar/ordenamento-do-territorio/Planos%20Municipais/Documents/relatorio_pdme.pdf;

Município de Évora (2014 - 2018). *Plano Municipal da Defesa da Floresta Contra Incêndios, 2014-2018, Caderno I - Diagnóstico* [Consult. 18 Mai. 2017]

Disponível em https://www.cm-evora.pt/pt/servicos/protecao-civil/documents/caderno_i.pdf;

Pestana C., Pinto-Leite J., Marques N. (2000). *O Programa Polis como Impulsionador da regeneração Urbana* [Consult. 06 Mar. 2017]

Disponível em <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2017/292A.pdf>;

Queirós M., Vale M. (2003). *Ambiente Urbano e Intervenção Pública: O Programa Polis* [Consult. 14 Jun. 2017]

Disponível em http://apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/047.pdf;

Ribeiro, O. *Évora: Sítio, Evolução e Funções de uma Cidade*. [Consult. 12 Nov. 2015]

Disponível em <http://bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?ID=603#>;

Simplicio, D. *Évora: Origem e Evolução de uma cidade Medieval*. [Consult. 16 Nov. 2015]

Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/330.pdf>;

Simplicio, D. *Évora: Algumas etapas funcionais na evolução da cidade até ao séc. XVI*. [Consult. 16 Nov. 2015]

Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2644/1/%C3%89vora%20Etapas%20Evolu%C3%A7%C3%A3o%20Hist%C3%B3rica%20SecXVI.pdf>;

FILMES:

Pedras e o Tempo, Évora de 1961, de Fernando Lopes

Documentário do CIDEHUS das Muralhas de Évora com Fernando Correia de 2017.